O SIONISMO

Análise à Luz de Sião, Cidade do Grande Rei

synésio lyra



JUERP

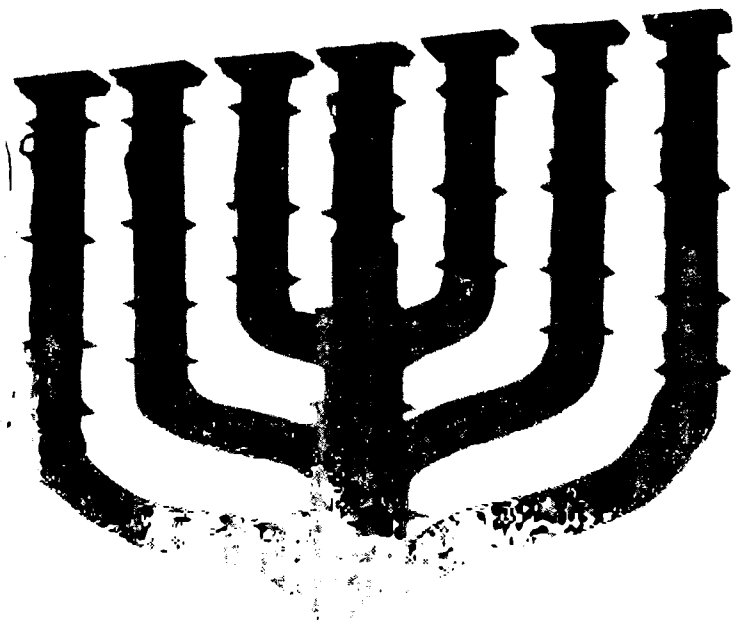
Os judeus voltaram para a sua terra! Desde 1948, ano em que foi reconhecido pela ONU o moderno estado de Israel milhares de judeus têm regressado, de todas as partes do mundo, ao território dos seus ancestrais. Qual o sentido profético desse acontecimento? O Sionismo é um movimento com base bíblica? Que significado tem o sionismo para os crentes em geral? Qual o ensino da Bíblia a respeito de Sião? O Reverendo Synésio Lyra, já conhecido por outras publicações relacionadas à escatologia e ao Oriente Médio responde a estas indagações. Seu livro, o primeiro da série **Escatologia em Debate,** visa levar os crentes a uma reflexão profunda sobre o sentido da hora em que vivemos.



Série **Escatologia em Debate** — 1

O SIONISMO

Análise à Luz de Sião, Cidade do Grande Rei



synésio lyra

Mazinho Rodrigues

O SIONISMO

Análise à Luz de Sião, Cidade do Grande Rei

«Grande é o Senhor e mui digno de ser louvado, na cidade do nosso Deus, no seu monte santo. De bela e alta situação, alegria de toda a terra é o monte Sião aos lados do norte, a CIDADE DO GRANDE REI» (Salmos 48:1,2).

1977

JUERP

Todos os Direitos Reservados. Proibida a reprodução parcial ou total sem a permissão por escrito por parte do editor, exceção feita a citações em trabalhos de pesquisa e revisão.
Copyright © 1977 da JUERP para a língua portuguesa.

236
Lyr-Sio Lyra, Synésio
O sionismo; análise à luz de Sião, cidade do grande rei. Rio de Janeiro, Junta de Educação Religiosa e Publicações, 1977.
106p. (Escatologia em Debate, 1)

1. Escatologia — Sionismo. I. Título. II. Série.
CDD — 236

Capa de W. Nazareth

3.000/1977

Número de Código para Pedidos: 22.305 – Junta de Educação Religiosa e Publicações da Convenção Batista Brasileira
Caixa Postal 320 — ZC — 00
20.000, Rio de Janeiro, RJ — Brasil
Impresso em Gráficas Próprias

APRESENTAÇÃO

Voltam à consideração os temas referentes à **escatologia.** Nunca deveriam ter saído da pauta dos assuntos considerados pela Igreja Cristã. Mas a história nos dá conta de que, por vezes, os cristãos relegaram a um segundo plano os temas escatológicos. Não raro, tal preterimento teve como conseqüência um afrouxamento dos vínculos morais e doutrinários do cristianismo. Sempre que a escatologia é considerada, verifica-se um denodo mais destacado por parte dos fiéis na proclamação do evangelho.

Este é o objetivo da série **Escatologia em Debate**, que tem o seu princípio com o livro do Pastor Synésio Lyra a respeito do **Sionismo.** Sua abordagem acentuadamente bíblica e conservadora fará bem a quantos lerem este pequeno grande livro. Seus pontos de vista já conhecidos através de livros que abordam temas semelhantes são elaborados com amor e piedade cristãos. É assim que deve ser lido **O Sionismo — Análise à luz de Sião, Cidade do Grande Rei.**

Escatologia em Debate pretende veicular entre os evangélicos brasileiros as diversas interpretações e posições a respeito dos temas escatológicos. O diálogo é feito com o objetivo de informar, esclarecer, a fim de que cada um possa assumir uma posição consciente e coerente sobre temas tão relevantes para a fé cristã, ao mesmo tempo que é edificado à uma vida de maior consagração ao evangelho!

Darci Dusilek

SUMÁRIO

Apresentação 5

Introdução 9
1. Sião — Centro de Refúgio e Alegria dos Salvos 59
2. Sião — A Morada Que o Senhor Ama .. 63
3. Sião — Centro de Atração Universal .. 69
4. Sião — Cidade de Bênçãos Permanentes 75
5. Sião — Firmada Sobre a Rocha Inabalável 83
6. Sião — A Cidade do Deus Vivo 93

INTRODUÇÃO



Nosso objetivo, em escrevendo estas páginas, não é outro senão despertar a atenção dos leitores para este assunto de capital importância. Ele tem por tema central o povo de Israel, no seu relacionamento com outros povos, e, por fim, com todas as nações.

O sionismo está sendo o prato do dia e continuará a sê-lo, até que a palavra profética, inspirada por Deus, tenha seu cabal cumprimento.

O movimento sionista nasceu entre o povo de Israel na Diáspora, na esperança do restabelecimento da pátria cujo centro é SIÃO.

Sendo SIÃO o centro do nosso estudo, trataremos, então, de sua signficação e origem: SIÃO (em hebraico SIOM) significa — **Lugar seco,** banhado de sol. Situa-se num dos montes em que foi construída a cidade de Jerusalém. Seu nome surge pela primeira vez no Antigo Testamento, como sendo a grande fortaleza dos jebuseus.

Depois da divisão da terra entre as tribos por Josué, coube à tribo de Judá a região onde se encontra SIÃO. Mas os jebuseus que ocupavam a fortaleza ali permaneceram, até que Davi assumiu

a direção de todo o Reino de Israel. Os jebuseus zombaram de Davi e disseram: «Davi de maneira alguma entrará aqui. Todavia, Davi tomou a fortaleza de SIÃO; esta é a cidade de Davi» (II Samuel 5:6b,7).

Depois de construído o templo por Salomão, este fez trazer a arca da aliança, que Davi havia transportado para SIÃO, como podemos notar: «Então congregou Salomão diante de si em Jerusalém os anciãos de Israel, e todos os cabeças das tribos, os chefes das casas paternas, dentre os filhos de Israel, para fazerem subir da cidade de Davi, que é SIÃO, a arca do pacto do Senhor» (I Reis 8:1).

Assim SIÃO tornou-se a habitação do SENHOR, como lemos: «Assim vós sabereis que eu sou o Senhor vosso Deus, que habito em SIÃO, o meu santo monte; Jerusalém será santa, e estranhos não mais passarão por ela» (Joel 3:17). E ainda: «... e o Senhor reinará sobre eles no monte SIÃO, desde agora e para sempre» (Miquéias 4:7).

O monte SIÃO está ao lado do monte Moriá, onde foi fundado o templo do SENHOR, e desde então o nome SIÃO envolvia também o templo, como podemos notar: «Eis-me aqui, com os filhos que me deu o Senhor; são como sinais e portentos em Israel da parte do Senhor dos exércitos, que habita no monte SIÃO» (Isaías 8:18).

A título de curiosidade e de interesse para os leitores, diremos algo da altitude do monte SIÃO: «Qual era a altura do monte SIÃO?» A esta pergunta respondem: 1. O monte SIÃO ficava a sudoeste, segundo opiniões autorizadas desde o quarto século. a) SIÃO era a cidade de Davi (II Reis

5:6,7); Josefo (historiador hebreu) afirma que a cidade alta, que é, sem dúvida, a colina sudoeste, tinha o nome de cidadela de Davi (**Guerras**, 5:4-1). É de estranhar, porém, que lhe não desse o nome de SIÃO. b) Miquéias fez distinção entre SIÃO e o monte do SENHOR: «E irão muitas nações, e dirão: Vinde, e subamos ao monte do Senhor, e à casa do Deus de Jacó, para que nos ensine os seus caminhos, de sorte que andemos nas suas veredas; porque de SIÃO sairá a lei, e de Jerusalém a palavra do Senhor» (4:2). c) Em Esdras, cap. 3, registram-se muitas construções na cidade de Jerusalém, e, pela sua descrição, entende-se que SIÃO fazia parte do monte da casa do SENHOR. A santidade de SIÃO explica-se pelo fato de ter sido, por muitos anos, o local onde se recolhia a arca, sendo assim considerado pelo rei Davi (II Reis 6:12-18). «Eu, porém, constituí o meu Rei sobre o meu santo monte SIÃO» (Salmos 2:6). O nome SIÃO passou a designar a própria cidade de Jerusalém, na qualidade de cidade santa (Salmos 47). «Porque o Senhor escolheu a Sião; desejou-a para sua habitação, dizendo: Este é o lugar do meu repouso para sempre; aqui habitarei, pois o tenho desejado. Abençoarei abundantemente o seu mantimento; fartarei de pão os seus necessitados. Vestirei de salvação os seus sacerdotes; e de júbilo os seus santos exultarão. Ali farei brotar a força de Davi; prepararei uma lâmpada para o meu ungido. Vestirei de confusão os seus inimigos; mas sobre ele resplandecerá a sua coroa» (Salmos 132:13-18).

2. Segundo o dizer de Warren, o monte SIÃO ficava a noroeste. Este monte é identificado com o

quarteirão da cidade, chamado, por Josefo, Acra, que em grego quer dizer monte alto ou cidadela. Ele denominava-a a cidade baixa, de acordo com o costume de seu tempo, mas a princípio não era assim. Foi Simão Macabeu que a demoliu por se achar a cavaleiro do templo que lhe servia de quartel (**Antiguidades,** 13:6,7). Os jebuseus serviram-se desta posição, como ponto fortificado, para sua defesa. 3. O monte SIÃO, dizem outros, era uma parte do monte do SENHOR, isto é, uma parte do monte onde se erguia o templo. A favor desta opinião aparecem os seguintes argumentos: a) O monte do templo é o local mais adaptado pela natureza para uma fortificação. b) A subida para o templo fazia-se saindo da Porta da Fonte, subindo pelas escadas da cidade de Davi, na elevação do muro, por cima da casa de Davi, até a porta das águas (Neemias 12:37). As escadas talvez sejam as mesmas que foram descobertas, pelas quais se chegava à extremidade sul do tanque. c) A palavra SIÃO emprega-se na acepção de lugar santo em termos tais que nunca designam a cidade de Jerusalém, mas se tornam claros, se consideramos que o vocábulo SIÃO se refere ao monte onde existia o templo. SIÃO designa o monte santo. A invariável distinção feita entre cidade de Davi, monte SIÃO e Santuário parece indicar que estes termos sofreram alterações de sentido desde os tempos de Davi, como se depreende destas palavras já citadas: «Porém Davi tomou a fortaleza de SIÃO: esta é a cidade de Davi» (Adap. de Davis, em **Dicionário da Bíblia**).

Temos dito o bastante a respeito do monte

SIÃO, como preliminar para algo dizermos sobre sionismo e sionista.

O SIONISMO E SUA ORIGEM

A organização Sionista nasceu em virtude de o povo de Israel, no período da Diáspora ou Dispersão, ser um povo apátrida, errante e perseguido em quase todas as nações da terra onde se achava espalhado. Precisavam ter um vínculo que os ligasse uns aos outros na sua tristíssima odisséia.

A maioria desses errantes peregrinos aspirava a reconstituição de sua Pátria comum na terra que o SENHOR doara aos seus antepassados, por possessão perpétua, a Abraão, Isaque e Jacó. Assim falou Deus a Abraão: «Naquele mesmo dia fez o Senhor um pacto com Abrão, dizendo: À tua descendência tenho dado esta terra, desde o rio do Egito até o grande rio Eufrates» (Gênesis 15:18).

As principais promessas associadas à chamada ou eleição de Abraão são bênçãos para Abraão mesmo, bênçãos para todos os que o abençoarem e bênçãos através dele e de sua posteridade para todas as nações. A fim de que esta **grande e poderosa nação** possa cumprir seu alto destino, o Senhor destinou uma grande terra para Abraão, assegurando-lhe e à sua semente, por concerto perpétuo, eterna possessão: «Dar-te-ei a ti e à tua descendência depois de ti a terra de tuas peregrinações, toda a terra de Canaã, em perpétua possessão; e serei o seu Deus» (Gênesis 17:8).

A Isaque estas promessas foram renovadas:

«Peregrina nesta terra, e serei contigo e te abençoarei; porque a ti, e aos que descenderem de ti, darei todas estas terras, e confirmarei o juramento que fiz a Abraão teu pai; e multiplicarei a tua descendência como as estrelas do céu, e lhe darei todas estas terras; e por meio delas serão benditas todas as nações da terra» (Gênesis 26:3,4).

De igual modo, o Senhor confirmou a mesma promessa a Jacó: «Eu sou o Senhor, o Deus de Abraão teu pai, e o Deus de Isaque; esta terra em que estás deitado eu darei a ti e à tua descendência: e a tua descendência será como o pó da terra; dilatar-te-ás para o ocidente, para o oriente, para o norte e para o sul; por meio de ti e da tua descendência serão benditas todas as famílias da terra» (Gênesis 28:13,14).

Na mudança do nome de Jacó para Israel, seus filhos tornaram-se filhos de Israel e seus descendentes israelitas. Temos, agora, nos filhos de Jacó, como cabeças das tribos, uma clara fundação lançada para o desenvolvimento de uma nação — a linha mais longa confirmada por uma família. Estes **filhos de Israel**, como agora os designamos, deixam a terra prometida e buscam localizar-se confortavelmente no Egito, onde o ciúme despertado por seu número e influência converte os egípcios em opressores e perseguidores. Os suspiros e ais dos filhos de Israel são ouvidos por Deus, o Senhor (Êxodo 2:24,25). «... tenho ouvido o gemer dos filhos de Israel, aos quais os egípcios vêm escravizando; e lembrei-me do meu pacto. Portanto, dize aos filhos de Israel: Eu sou Jeová; eu vos tirarei de debaixo das cargas dos egípcios, livrar-vos-ei da sua servidão; e vos

resgatarei com braço estendido e com grandes juízos. Eu vos tomarei por meu povo e serei vosso Deus; e vós sabereis que eu sou Jeová vosso Deus, que vos tiro de debaixo das cargas dos egípcios. Eu vos introduzirei na terra que jurei dar a Abraão, a Isaque e a Jacó; e vo-la darei por herança. Eu sou Jeová» (Êxodo 6:5-8). Eles agora são um **povo** politicamente redimido, e, como **povo**, são separados de todos os outros povos, segundo o propósito de Deus: «Que outra nação na terra é semelhante a teu povo Israel, a quem tu, ó Deus, foste resgatar para te ser povo, para te fazeres um nome, e para fazeres a seu favor estas grandes e terríveis coisas para a tua terra, diante do teu povo, que tu resgataste para ti do Egito, desterrando nações e deuses? Assim estabeleceste o teu povo Israel por teu povo para sempre, e tu, Senhor, te fizeste o seu Deus» (II Samuel 7:23,24). «E sereis para mim santos; porque eu, o Senhor, sou santo, e vos separei dos povos, para serdes meus» (Levítico 20:26). Eles são um povo redimido, a fim de ser um povo para Deus.

Justamente como a terra é dada para ser herança do povo, Deus o tomou por herança: «Mas o Senhor vos tomou, e vos tirou da fornalha de ferro do Egito, a fim de lhe serdes um povo hereditário, como hoje o sois... e possuireis essa boa terra» (Deut. 4:20,21). Temos agora, suficientemente, traçado o desenvolvimento da nação de Israel, desde a chamada de Abraão, através de seu filho Isaque e seu neto Jacó, dos doze filhos de Jacó, como cabeças de tribos, constituindo um povo eleito e redimido, separado e protegido, preservado e honrado, com a missão de distingui-

do serviço no interesse da raça humana e para glória do Senhor» (J. Wilkinson).

No entanto, apesar de todas as promessas, muitas delas concretizadas, feitas pelo Senhor, os filhos de Israel, tendo entrado na posse da terra que o Senhor lhes dera por herança perpétua, identificaram-se com os remanescentes dos diferentes povos que habitavam a terra conquistada, desobedecendo às instruções do Senhor, nestes termos precisos: «Mas se não lançardes fora os habitantes da terra de diante de vós, os que deixardes ficar vos serão como espinhos nos olhos, e como abrolhos nas ilhargas, e vos perturbarão na terra em que habitardes e eu vos farei a vós como pensei em fazer-lhes a eles» (Números 33:55,56).

Notamos, através das Sagradas Escrituras, que, enquanto Deus manifestava sua graça ao seu povo, os filhos de Israel retribuiam com sua ingratidão, afastando-se dos caminhos do Senhor. O que sobressai em toda a sua história são altos e baixos — bênçãos da parte de Deus e desobediência por parte do povo. Vamos transcrever alguns trechos bíblicos que evidenciam o nosso acerto:

«Pecamos, como nossos pais; cometemos iniqüidades, procedemos mal. Nossos pais, no Egito, não atentaram às tuas maravilhas; não se lembraram da multidão das tuas misericórdias, e foram rebeldes junto do mar, o Mar Vermelho. Mas ele os salvou por amor do seu nome, para lhes fazer notório o seu poder. Repreendeu o Mar Vermelho, e ele secou; e fê-los passar pelos abismos, como por um deserto. Salvou-os das

mãos de quem os odiava, e os remiu do poder do inimigo.

«As águas cobriram os seus opressores; nenhum deles escapou. Então creram nas suas palavras, e lhe cantaram louvor. Cedo, porém, se esqueceram das suas obras, e não aguardaram os seus desígnios; entregaram-se à cobiça no deserto; e tentaram a Deus na solidão. Concedeu-lhes o que pediram, mas fez definhar-lhes a alma.

«Tiveram inveja de Moisés no acampamento, e de Arão, o santo do Senhor. Abriu-se a terra e tragou a Datã, e cobriu o grupo de Abirão. Ateou-se um fogo contra o seu grupo: a chama abrasou os ímpios.

«Em Horebe fizeram um bezerro, e adoraram o ídolo fundido. E assim trocaram a glória de Deus pelo simulacro de um novilho, que come erva. Esqueceram-se de Deus, seu Salvador, que, no Egito, fizera coisas portentosas, maravilhas na terra de Cão, tremendos feitos no Mar Vermelho.

«Tê-los-ia exterminado, como dissera o Senhor, se Moisés, seu escolhido, não se houvesse interposto, impedindo que sua cólera os destruísse. Também desprezaram a terra aprazível, e não deram crédito à sua palavra; antes murmuraram em suas tendas, e não acudiram à voz do Senhor. Então lhes jurou, de mão erguida, que os havia de arrasar no deserto; e também derribaria entre as nações a sua descendência, e os dispersaria por outras terras.

«Também se juntaram a Baal-Peor, e comeram os sacrifícios dos ídolos mortos. Assim, com tais ações, o provocaram à ira; e grassou peste entre eles. Então se levantou Finéias e executou o

juízo; e cessou a peste. Isso lhe foi imputado por justiça, de geração em geração, para sempre.

«Depois o indignaram por causa de água em Meribá, e, por causa deles, sucedeu mal a Moisés, pois foram rebeldes ao Espírito de Deus, e Moisés falou irrefletidamente. Não exterminaram os povos como o Senhor lhes ordenara. Antes se mesclaram com as nações, e lhes aprenderam as obras; deram culto a seus ídolos, os quais se lhes converteram em laço; pois imolaram seus filhos e suas filhas aos demônios, e derramaram sangue inocente, e sangue de seus filhos e filhas, que sacrificaram aos ídolos de Canaã: e a terra foi contaminada com sangue. Assim se contaminaram com a suas obras, e se prostituíram nos seus feitos.

«Acendeu-se, por isso, a ira do Senhor contra o seu povo, e ele abominou a sua própria herança, e os entregou ao poder das nações; sobre eles dominaram os que odiavam. Também os oprimiram os seus inimigos, sob cujo poder foram subjugados. Muitas vezes os libertou, mas eles o provocaram com os seus conselhos e, por sua iniqüidade, foram abatidos. Olhou-os, contudo, quando estavam angustiados, e lhes ouviu o clamor; lembrou-se, a favor deles, de sua aliança, e se compadeceu, segundo a multidão de suas misericórdias.

«Fez também que lograssem compaixão de todos os que os levaram cativos. Salva-nos, Senhor, nosso Deus, e congrega-nos de entre as nações, para que demos graças ao teu santo nome, e nos gloriemos no teu louvor. Bendito seja o Senhor, Deus de Israel, de eternidade a eterni-

dade; e todo o povo diga: Amém. Aleluia!» (Salmos 106:6-48).

Não podemos sopitar o desejo de transcrever mais um trecho bíblico, para ser bem apreciado e refletido pelo prezado leitor, pois estamos certos de que só assim estes passos bíblicos serão lidos em conexão com o assunto em foco. Queremos, com profunda e indizível alegria, que a Palavra de Deus fale aos corações. Apreciemos o que o Senhor nos vai dizer noutro Salmo:

«Dai graças ao Senhor, porque ele é bom; porque a sua benignidade dura para sempre; digam-nos os remidos do Senhor, os quais ele remiu da mão do inimigo, e os que congregou dentre as terras, do Oriente e do Ocidente, do Norte e do Sul. Andaram desgarrados pelo deserto, por caminho ermo; não acharam cidade em que habitassem. Andavam famintos e sedentos; desfalecia-lhes a alma.

«E clamaram ao Senhor na sua tribulação, e ele os livrou das suas angústias; conduzindo-os por um caminho direito; para irem a uma cidade em que habitassem. Dêem graças ao Senhor pela sua benignidade, e pelas suas maravilhas para com os filhos dos homens! Pois ele satisfaz a alma sedenta, e enche de bens a alma faminta. Quanto aos que se assentavam nas trevas e sombra da morte, presos por se haverem rebelado contra as palavras de Deus, e desprezado o conselho do Altíssimo, eis que lhes abateu o coração com trabalho; tropeçaram, e não houve quem os ajudasse. Então clamaram ao Senhor na sua tribulação, e ele os livrou das suas angústias. Tirou-os

das trevas e da sombra da morte, e quebrou-lhes as prisões.

«Dêem graças ao Senhor pela sua benignidade, e pelas suas maravilhas para com os filhos dos homens! Pois quebrou as portas de bronze e despedaçou as trancas de ferro. Os insensatos, por causa do seu caminho de transgressão, e por causa das suas iniqüidades, são afligidos. A sua alma aborreceu toda sorte de comida, e eles chegaram até as portas da morte. Então clamaram ao Senhor na sua tribulação, e ele os livrou das suas angústias. Enviou a sua palavra, e os sarou, e os livrou da destruição.

«Dêem graças ao Senhor pela sua benignidade, e pelas suas maravilhas para com os filhos dos homens! Ofereçam sacrifícios de louvor, e relatem as suas obras com regozijo! Os que descem ao mar em navios, os que fazem comércio nas grandes águas, esses vêem as obras do Senhor, e as suas maravilhas no abismo. Pois ele manda, e faz levantar o vento tempestuoso, que eleva as ondas do mar. Eles sobem ao céu, descem ao abismo; esvaece-lhes a alma de aflição. Balançam e cambaleiam como ébrios, e perdem todo o tino.

«Então clamam ao Senhor na sua tribulação, e ele os livra das suas angústias. Faz cessar a tormenta, de modo que se acalmam as ondas. Então eles se alegram com a bonança; e assim ele os leva ao porto desejado.

«Dêem graças ao Senhor pela sua benignidade, e pelas suas maravilhas para com os filhos dos homens! Exaltem-nos na congregação do povo, e louvem-no na assembléia dos anciãos! Ele converte rios em deserto, e nascentes em terra seden-

ta; a terra frutífera em deserto salgado, por causa da maldade dos que nela habitam. Converte o deserto em lagos, e a terra seca em nascentes.

«E faz habitar ali os famintos, que edificam uma cidade para sua habitação; semeiam campos e plantam vinhas, que produzem frutos abundantes. Ele os abençoa, de modo que se multipliquem sobremaneira; e não permite que o seu gado diminua.

«Quando eles decrescem e são abatidos pela opressão, aflição e tristeza, ele lança o desprezo sobre os príncipes, e os faz andar desgarrados pelo deserto, onde não há caminho.

«Mas levanta da opressão o necessitado para um alto retiro, e dá-lhe famílias como um rebanho.

«Os retos o vêem e se regozijam, e toda a iniqüidade tapa a sua própria boca. Quem é sábio observe estas coisas, e considere atentamente as benignidades do Senhor» (Salmos 107).

Vemos, através do Livro Divino — a Bíblia — que os seus registros infalíveis e antecipados vêm se cumprindo com toda a fidelidade, e foram cons-tantes as mutações na vida deste povo, quase enigmático, sofrendo derrota após derrota, e, sobrevivendo a todas elas. Por sua infidelidade ao Senhor Deus, os filhos de Israel têm atravessado «o vale da sombra da morte» no dizer do Salmo 23, mas o Senhor tem estado sempre ao seu lado, socorrendo-os nas horas extremas.

E como já dissemos noutra parte, o Sionismo se constituiu num elo inquebrável, que os mantém unidos, embora divergindo em muitas cousas, mas ligados em prol de uma Pátria comum,

na terra que o Senhor doou aos seus antepassados e a todos os seus descendentes por possessão perpétua. E o Senhor, que os tem preservado durante os milênios que se escoaram, cumprirá suas fidedignas promessas de acordo com a voz dos seus profetas. Não custa esperarmos, pois a Palavra de Deus nos declarou: «Aquele que crer não se apressará» (Isaías 28:16b). E o Senhor, que faz as promessas, afirma: «Pois eu, o Senhor, não mudo» (Malaquias 3:6). Sabemos que a palavra profética não é fábula, como afirmam os que desertaram da fé ou nunca a tiveram, mas o seguro é infalível testemunho da ação providencial de Deus em todos os acontecimentos mundiais.

Deus fala a respeito pelo profeta, chamando nossa atenção para os acontecimentos que se vêm desenrolando no cenário mundial, dizendo: «Lembrai-vos disto, e considerai; trazei-o à memória, ó transgressores. Lembrai-vos das coisas passadas desde a antiguidade; que eu sou Deus, e não há outro; eu sou Deus, e não há outro semelhante a mim; que anuncio o fim desde o princípio, e desde a antiguidade as coisas que ainda não sucederam; que digo: O meu conselho subsistirá, e farei toda a minha vontade... Ouvi-me, ó duros de coração, os que estais longe da justiça. Faço chegar a minha justiça; e ela não está longe, e a minha salvação não tarda; mas estabelecerei a salvação em Sião, e em Israel a minha glória (Isaías 46:8-10,12,13).

Nestes tempos de apostasia da fé, para uma vida desordenada pecaminosa e materialista, muitos filhos de Israel se enquadram no esquerdismo

ou comunismo, renegando, assim, a crença dos seus antepassados. O inspirado profeta de Deus, contemplando através das cortinas o futuro de seu povo, assim se dirige ao Senhor: «Um trono glorioso, posto bem alto desde o princípio, é o lugar do nosso santuário.

«Ó Senhor, esperança de Israel, todos aqueles que te abandonarem serão envergonhados. Os que se apartam de ti serão escritos sobre a terra; porque abandonam o Senhor, a fonte das águas vivas» (Jeremias 17:12,13).

Deus está oferecendo não apenas ao seu povo Israel, mas a todos os seres humanos, oportunidade para se reconciliarem com ele, oferecendo-lhes salvação presente e eterna através do sacrifício expiatório do seu unigênito Filho, nosso Senhor Jesus Cristo — o Messias de Israel!

OS PRECURSORES DO SIONISMO

Por nimia gentileza da Sra. Patrícia Finzi Fingerman, diretora da revista **SHALOM Análise**, foi-nos concedido o privilégio de transcrever para estas páginas trechos de artigos de ilustres pensadores israelenses inseridos em o Nº 2, de dezembro de 1975, da referida revista.

O título acima e os comentários que transcrevemos é da própria redação, e muita coisa há para ser conhecida por nossos leitores a respeito dos primeiros passos do Sionismo. Assim começa: «No limiar dos tempos modernos, os judeus estavam mais preparados para um movimento nacionalista que qualquer outro grupo, no que concerne à conscientização étnica e histórica. Antes de

transformar-se em um ingrediente do nacionalismo moderno, essa conscientização precisou passar por certas transformações. Pelo mesmo prognóstico, todos os povos tiveram que passar por importantes mudanças em suas atitudes, antes de poderem ser alcançados por algum movimento nacionalista; tiveram que elevar a qualidade de seu grupo étnico a valores extremos.

«A sociedade judaica conseguiu sua transformação nacional com aparência de idéias modernas, mais tarde intitulada 'sionismo', que depurava, por assim dizer, a crença messiânica judia de seus elementos escatológicos de milagre, retendo apenas seus objetivos políticos e sociais, e alguns de seus objetivos espirituais. Mesmo nessa fase de evolução, no entanto, o sionismo apoiou-se profundamente no antigo messianismo e dele extraiu muito de seu atrativo ideológico e mesmo mais do seu apelo emocional. Contudo, isso ocorreu apenas nos fins do século XIX e começo do século XX. Assim, apesar de os judeus adquirirem potencialidades de nacionalismo antes de outras nações, o desenvolvimento do movimento nacionalista judeu, em sua forma sionista, ocorreu, após o mesmo processo, na maioria das nações européias.

«A destruição da tradicional existência do judaísmo europeu, entidade étnico-religiosa separada, ligada de certa forma à sociedade pré-nacionalista estatalmente estruturada que o rodeava, foi seguida por uma época de transição, que precedeu e parcialmente coincidiu com o período dos precursores do sionismo. Esse período foi basicamente nacionalista, pretendendo, princi-

palmente, a integração dos judeus na nova e cambiante sociedade européia, mas simultaneamente desenvolveu certas características (particularmente evidentes no período de Hascalá), posteriormente absorvidas no fluxo da ideologia sionista. Uma delas foi o renascimento e a modernização da língua hebraica, que culminou com a histórica conquista de Eliézer Ben Yehuda (pioneiro deste renascimento, falecido em Jerusalém, em 1922); outra, o empenho pela produtividade econômica. Traço adicional desse período constituiu no surgimento da liderança judaica no campo do pensamento político, avaliando realisticamente o mundo circundante à luz de uma atividade política definida.

«Contudo, não se pode falar propriamente de «precursores» do sionismo com relação a Rabi Yehudah Alkalai, Rabi Zvi Hirsh Kalischer, Haim Loije, Rabi Elijah Guttmacher, Moses Hesse e outros, surgidos por volta de 1860. Somente após 1860 os adeptos do sionismo chegaram a unir-se através de contato mútuo. O fator comum a todos, sua fé na futura existência de nação judaica condicionada ao retorno à pátria histórica, tornou-se a base de uma união social. A diferença entre o período anterior e os anos de 1860 não é difícil explicar. Naquela década completou-se a emancipação da maioria dos países da Europa Ocidental, sendo que, onde não se completara inteiramente, devia faltar pouco. Enquanto continuava a luta pela igualdade política para os judeus, a idéia do nacionalismo judaico não podia ser tolerada, pois o argumento de que os judeus seriam uma entidade nacional separada consti-

tuía uma das armas dos inimigos, dos não judeus, da emancipação.

«Desde os anos 1860, quando a emancipação parecia estar completada, a idéia de nacionalismo judeu pôde surgir como fase seguinte. Kalischer até sugeriu o nacionalismo judeu como continuação natural da própria emancipação.

«A idéia messiânica, no entanto, não se desvaneceu inteiramente sob o impacto do racionalismo, mas permaneceu viva nas massas judias. Já em 1840 surgiram boatos nos Bálcãs e na Europa Oriental de que o ano messiânico, destinado a marcar o ponto decisivo na história dos judeus, já tinha chegado. Muitos julgavam genuína essa crença e esperavam um estado de agitação mental. Para um desses crentes, o Rabi Yeudah Alkalai (1798-1878), a expectativa messiânica tornou-se ponto de partida de transição do messianismo milagroso ao realístico. Essa mudança de concepção foi causada pela coincidência de expectativa do resgate, por dois líderes do judaísmo francês e inglês, Adolphe Cremieux e Sir Moses Montefiore, da comunidade de Damasco, acusada de morticínio ritual. Quando os milagrosos acontecimentos da redenção apareceram, Alkalai concluiu que o resgate dessa comunidade era uma amostra do processo messiânico. Os futuros estágios da redenção seriam alcançados através de atos semelhantes de judeus proeminentes. Alkalai foi um mediocre pregador de pequena comunidade sefaradita em Semlin, perto de Belgrado. Até o ano de sua nova convicção, mal era conhecido fora de seu limitado círculo, e nem desejava sê-lo. No entanto, depois de se conven-

cer de que a era do Messias tinha chegado e que a redenção teria de ser alcançada através de ação humana, sentiu-se compelido a transmitir essa mensagem a seus confrades judeus. Nos restantes 37 anos de vida, Alkalai não só publicou inúmeros panfletos e artigos para comunicar suas idéias, como também viajou por duas vezes à Europa Ocidental e mais tarde instalou-se na Terra de Israel a fim de convencer judeus e não judeus da verdade de sua missão. Tentou induzir gente a se encontrar em uma reorganização da vida judaica, ou parte, em sua pátria, e a se equipar com os atributos de nação moderna. Embora Alkalai começasse como pregador imbuído de fontes tradicionais e notadamente cabalísticas, gradualmente adquiriu os elementos de uma concepção nacionalista moderna. Propagou a idéia de unidade nacional judaica através de uma organização global do judaísmo mundial com o hebraico como língua comum. A religião também teria seu papel na nova vida nacional, mas, quando a controvérsia entre ortodoxia e reforma cresceu, Alkalai procurou remédio para isso na idéia de união nacional.»

O Editorial prossegue, apresentando fatos interessantes concernentes ao nascimento do Sionismo — ponto de partida para o nascimento do Estado de Israel.

A REALIZAÇÃO DO SIONISMO POLÍTICO

Com este título, escreveu, na referida revista, o pensador israelense **Ioran Oron**, donde extrairemos apenas alguns trechos, lamentando não po-

dermos transcrever todo o importante artigo histórico, pois trata das seis fases da emigração israelense para a Terra de Israel — a pátria que foi dada pelo Senhor a todos os seus antepassados e aos seus descendentes. Começaremos com a segunda onda imigratória: «A segunda onda imigratória, que durou de 1905 a 1914, foi aquela que, corrigindo a situação anômala acima referida» (o que acontecera na primeira leva imigratória, que deixamos de referir), «deu características marcantes à colonização judaica da Palestina, além de fornecer líderes (como o ex-presidente Ben-Tzvi e o ex-primeiro ministro Ben Gurion), que até alguns anos atrás permaneciam à testa do Governo de Israel. Outra vez um pogrom foi responsável imediato: desta feita foram as perseguições de Kischinev, na Rússia, de 1903 a 1905. A frustrada revolução de 1905 e o populismo socialista moldaram esse grupo de elementos das classes média e pobre, dentro de uma visão proletário-camponesa. Sua consciência de classe era fruto não apenas do pragmatismo, como ainda de conclusões teóricas. Frustrados como revolucionários de 1905, atacados como judeus em sucessivos pogroms, deixaram de ser revolucionários judeus, para, substantivando o adjetivo, constituírem-se em judeus revolucionários. Daí a força e a importância dessa segunda onda imigratória.[1]

«Emigrando para a Palestina, tinham opinião formada a respeito do trabalho: este deveria ser todo realizado por mãos judaicas, por duas ra-

(1) Não se cria, contudo, que tivesse chegado a ser, na

zões: 1) apenas desta maneira haveria uma verdadeira obra de colonização; 2) para criarem uma autêntica cultura judaica na Palestina teriam que estabelecer suas raízes no próprio solo.

«Como conseqüência desses princípios, concluíam pela extinção do trabalho assalariado. Reconheciam, porém, que este não teria solução de continuidade enquanto permanecesse aquela estrutura agrária... Felizmente para os emigrantes da segunda onda imigratória, uma entidade tinha aparecido em 1897: a Organização Sionista. Essa entidade, criada por inspiração de Theodor Herzl, viria dar condições materiais para que os imigrantes pudessem pôr em prática suas idéias.

«Herzl, jornalista vienense, estruturou aquilo que deveria ser o 'Estado Judeu' numa obra homônima. Afirmava sempre:

«'Os judeus que quiserem terão o seu Estado.'

«A primeira Guerra Mundial trouxe dificuldades ao movimento colonizador judaico. Sentindo-se no crepúsculo de sua glória, o Império Turco tomou medida drástica contra os judeus palestinos: evacuou os que se encontravam no litoral, transportando-os para o interior; expulsou líderes; dificultou as comunicações. Enquanto na Palestina a situação se tornava cada vez mais difícil, líderes judaicos negociavam com os ingleses no sentido de estes, uma vez ocupando o

---

Rússia, um movimento de massa. Não contou senão com 40 a 50 mil jovens, dentre os quais, poloneses, lituanos e ucranianos. Grande número de judeus russos continuava tentando fingir a inexistência do problema, como se pode inferir pela obra autobiográfica de Ehrenberg (Ehrenberg (Ilya), **Memórias**, Vol. I, Civ. Bras, 64).

terrritório que os turcos não mais podiam reter, encararem com simpatia a questão do Estado Judeu. Isto realmente aconteceu quando, no dia 2 de novembro de 1917, Sir Arthur James Balfour, Ministro das Relações Exteriores da Inglaterra, enviou ao Barão Rothchild a seguinte carta:

«'2 de novembro de 1917.

«'Prezado Barão Rothchild:

«'É com satisfação que transmito a V. Excia, em nome do Governo de Sua Majestade, a seguinte declaração de solidariedade para com as aspirações sionistas dos judeus, que foram submetidas e aprovadas pelo Gabinete:

«'O Governo de Sua Majestade é favorável ao estabelecimento, na Palestina, de um Lar Nacional Judaico, e com todo o empenho procurará alcançar este objetivo, sendo entendido que nada será feito no sentido de prejudicar os direitos civis e religiosos das comunidades não judaicas na Palestina ou os direitos e **status** político usufruídos pelos judeus nos outros países. Solicito-lhe comunicar esta declaração à Federação Sionista.'

«Em dezembro de 1917, o General Allenby entrou em Jerusalém, iniciando o domínio inglês, que durou trinta anos. De início, a dominação inglesa, aguardada com ansiedade, foi favorável ao país, pois construiu estradas de rodagem e de ferro, facilitando o intercâmbio entre as diversas colônias. Depois, todavia, deixou de lado a Declaração Balfour e as aparências, para realizar o seu jogo imperialista, incentivando a rivalidade entre árabes e judeus.

«**A terceira onda imigratória (1919-1923)**. A rigor, esta onda poderia constituir-se como a con-

tinuação da segunda, interrompida apenas pela Guerra Mundial. Faz-se, entretanto, a separação, porque, além de haver uma guerra de grandes proporções entre eles, os compromissos desta onda imigratória (num total de 25.000 — vinte e cinco mil) possuíam uma formação ideológica marcadamente esquerdista, além de terem tido, em seus países de origem, um período de preparação agrícola. Uma vez na Palestina, diferenciaram-se dos já radicados por uma posição política que os levou a uma definição partidária diversa; na prática, porém, tanto a meta quanto os meios foram os mesmos: a busca da realização nacional através do trabalho agrícola.

«Com o aumento progressivo das colônias, foram-se fixando novos métodos de colonização. A Organização Sionista, através de suas entidades financeiras, apoiava apenas as comunidades fundadas na base de autotrabalho.

«Mais três grupos imigratórios. Mas durante esse período, 'com os ataques árabes, a situação dos colonizadores judeus voltava a se modificar para pior. Lavradores tinham que abandonar os campos para pegar em armas ou fazer as duas cousas simultaneamente' e assim a chamada 'Guerra Santa árabe', no que concernia à 'sabotagem do Lar Nacional judeu, fracassou completamente'. O clima de perigo, longe de desalentar os judeus, conduzia-os a construir, com impetuosa energia, as bases materiais do que haveria de ser, com insuspeitada rapidez, o Estado de Israel...

«Durante a II Guerra Mundial, houve, na Palestina, uma série de modificações, que marcaram o período: 1) Dificuldade de manter o comércio

internacional e a conseqüente modificação no panorama agrícola da Nação — preocupação maior com produtos de subsistência e quase abandono dos de exportação. 2) Alistamento de grande número de judeus para combater contra os nazi-fascistas, criando o problema de falta de braços para o trabalho. 3) A dificuldade de importação de produtos industriais provocou a necessidade de solucionar o problema nos limites do próprio país. Assim, alguns **Kibutzim** passaram a ter características industriais como, por exemplo, Afikim, no vale do Jordão, que possuía imensas fábricas de compensados. 4) A permissão de entrada de judeus no período de guerra era apenas de 10.000 anualmente. Durante este mesmo período, judeus eram exterminados em campos nazistas. Embora lutassem contra os alemães ao lado dos ingleses, estes eram extremamente rígidos na cota de imigração fixada. Conta um autor que 'o Governo mandatário recusou a outorga de vistos de entrada a 30.000 (trinta mil) crianças judias alemãs, mortas, a seguir, nos campos de extermínio... O navio Struma, de 2.000 toneladas, destinado a transportar gado nas costas rumenas, trouxe, em fevereiro de 1942, 769 refugiados dos territórios ocupados pelos nazistas; barrado pelos ingleses, foi mandado de volta, para afundar-se no Mar Negro' (Margulis (Marcos), **Israel, Estudo sobre o Nascimento de uma Nação**, in 'Anhembi', S. Paulo, ano XI, Nº 124). 5) Ao mesmo tempo em que formavam brigadas judaicas para lutar ao seu lado contra os alemães, os ingleses castigavam violentamente toda desobediência às suas resoluções, na Palestina, numa política de contradições

características do colonialismo. Como represália, organizaram-se grupos terroristas judeus que perduraram até a independência de Israel.

«Em 1947 a ONU aprovou a partilha da Palestina. É claro que para isso influiu a posição dos **EUA** e **URSS**, visando tornar sua a zona de influência que pertencia à Inglaterra.

«Procurando afastar a influência inglesa na Palestina, a União Soviética colocou-se ostensivamente ao lado de Israel. Os leitores ficarão estarrecidos com o discurso pronunciado, em 14 de maio de 1947, na Assembléia Geral da ONU — pronunciamento favorável ao Sionismo — quando souberam quem foi o orador entusiasta.

«O povo judeu sofreu miséria e perseguição extremas no decorrer da Guerra. Pode dizer-se, sem exagero, que os sofrimentos e misérias do povo judeu estão além do que pode ser descrito. Seria difícil expressar-se através de cifras secas as perdas e os sacrifícios do povo judeu nas mãos dos dominadores fascistas. Nos territórios sob controle dos hitleristas, os judeus foram quase completamente extintos. O número total de judeus que sucumbiram nas mãos dos carrascos fascistas é próximo de seis milhões... Poder-se-á perguntar se as Nações Unidas, considerando a seríssima situação de centenas de milhares de judeus que sobreviveram à guerra, não deveriam demonstrar seu interesse pela situação dessas pessoas, arrancadas de seu país e de suas casas... O fato de que nem sequer um dos Estados da Europa Ocidental tenha tido condições de garantir a defesa dos direitos básicos dos judeus, ou de compensá-los pela violência de que foram

vítimas nas mãos dos carrascos fascistas, explica a aspiração dos judeus pela criação de um Estado próprio. Seria injusto não considerar isto, e negar o direito do povo judeu à realização de tal aspiração.»

O orador não foi outro senão o Sr. Andrey Gromyko, representante da União Soviética na ONU!

Os filhos de Israel (preferimos denominá-los filhos de Israel, e não judeus, porque nem todos israelenses são judeus, mas todo judeu é israelense. As dez tribos que desapareceram, aparecerão, no reinado do Messias de Israel, conforme podemos notar em Ezequiel 48, onde as doze tribos serão estabelecidas nos seus próprios lugares), os filhos de Israel, dizíamos, apesar dos seus grandes erros, vêm sendo vítimas através de quase dois mil anos. No entanto, o Senhor os tem sempre amparado.

Há vinte e oito anos existe, como criação oficial da ONU, o independente e autônomo Estado de Israel, sem o reconhecimento das chamadas nações árabes, e nem sequer o estabelecimento de um armistício entre elas.

De qualquer maneira, não foi vão o esforço e sacrifício dos pioneiros do Sionismo, de sorte que «meio século após a realização do primeiro Congresso Sionista, na Basiléia, Israel foi proclamado Estado independente. Entre esses dois eventos, enormes quantidades de imigração e energia foram investidas na criação de um contexto social nacional. Homens fluíram de todos os cantos do mundo, muitos deles desistindo da segurança pessoal e **status** social, para se fundirem em um

novo-velho povo. O único ingrediente nacional de que dispunham era sua convicção e sua determinação idealista; tudo o mais tinha de ser criado. Eles criaram uma entidade nacional. Eles, o povo, vieram e ergueram cidades e aldeias entre agrestes e desertos, reviveram a antiga língua dos hebreus e suplantaram inúmeras dificuldades físicas e políticas.

«No entanto, a sua não era a história de colono vindo de matrópole imperial para se instalar entre os nativos e explorá-los. Não se estabeleceram como latifundiários politicamente favorecidos; vieram para serem trabalhadores e camponeses. Não se tornaram proprietários absenteístas, mas ofereceram suas forças no mercado do trabalho. Não foram uma pseudo-aristocracia importada, mas raízes sociais. Não relegaram os 'nativos' a funções desprezadas e a um **status** inferior, mas vieram para dividir com eles todos os níveis de trabalho e sociedade, para se tornarem eles mesmos 'nativos' e, até mesmo, para liderarem a luta contra o poder dos ocupantes. Não podiam, pois, diferir mais da imagem do colono que tão corretamente representa o jugo imperialista.»

ENTRE O SIONISMO E O IMPERIALISMO

«As relações entre a sociedade sionista emergente na Palestina e os poderes de ocupação imperialistas tiveram todas as clássicas características da conhecida história dos outros movimentos de libertação nacional. A independência de Israel não foi conseguida antes que fossem vencidos o imperialismo otomano (turco) no de-

correr da Primeira Guerra Mundial, e o imperialismo britântico, antes, durante e após a Segunda Guerra. Ninguém poderá questionar a afirmação de que o imperialismo britânico foi vencido na Palestina por qualquer outra força que não sua desafiante sionista.

«Contrapondo-se a este pano de fundo histórico, os inimigos de Israel acreditam estar lançando mão de um argumento definitivo, ao fazer notar a cooperação militar dos sionistas com os ingleses na Primeira Guerra Mundial, assim como a origem inglesa da Declaração Balfour, documento que em 1917 confirmava os direitos políticos dos judeus à Palestina. Estes fatos são freqüentemente utilizados para atribuir ao sionismo uma origem imperialista britânica.

«No entanto, este argumento é, de fato, uma distorção, e um **non sequiturlógico**. Tanto o sionismo político quanto o estabelecimento sionista na Palestina procederam da Declaração Balfour e da conquista da região do decorrer da Primeira Grande Guerra. Desta forma, o sionismo não poderia ter **origem** no imperialismo britânico. E, quanto à cooperação inicial entre o sionismo e os ingleses, este fato concorda com a história de outros movimentos de libertação nacional. O movimento de libertação nacional judaico jogou um imperialismo, o britânico, contra outro, o otomano, exatamente do mesmo modo que Mao-Tse-Tung, Ho Chi Minh e outros líderes nacionais da Ásia e da África se permitiram serem ajudados pelos interesses norte-americanos, em seu desafio ao Japão imperial. Assim como a cooperação de Mao-Tse-Tung e Ho Chi Minh com

os serviços de inteligência e os militares norte-americanos não compromete em nada seu patriotismo ou seu imperialismo, e foi finalmente seguida de uma luta aberta, também a cooperação com os ingleses, contra o dominador turco da Palestina, foi seguida por um conflito aberto e irreconciliável.

«Como tendo nascido como um desafio ao imperialismo britânico, a independência de Israel teve apoio entusiástico de todos os governos socialistas» (**S. Arnoni**).

DECLARAÇÃO DE INDEPENDÊNCIA

Após a Declaração de Independência do Estado de Israel, pelo saudoso líder Ben Gurion com vários outros líderes israelenses, foi a «Proclamação lida durante a cerimônia da Fundação do Estado, e publicada nesse mesmo dia — 5 de iar no ano 5708, 14 de maio de 1948, na primeira página do 'Diário Oficial' do Estado de Israel:

«1. Eretz Israel é o berço do povo judeu. Aqui se forjou sua personalidade espiritual, religiosa e nacional; aqui viveu como povo livre e soberano; aqui criou uma cultura com valores nacionais e universais e legou ao mundo inteiro o imperecível Livro dos Livros.

«2. Logo após ter sido desterrado de sua pátria pela força, o povo judeu lhe guardou fidelidade em todos os países de sua dispersão, e não cessou jamais de rogar pelo seu retorno a seu país e de confiar em restabelecer nele sua independência nacional.

«3. Impulsionados por este vínculo histórico e

tradicional, os judeus têm lutado, através de gerações, para retornar à sua antiga pátria e enraizar-se nela. Em gerações recentes, eles retornaram a seu país em massa; pioneiros, imigrantes 'ilegais' e combatentes redimiram os desertos, restauraram o idioma hebraico, construíram cidades e aldeias e estabeleceram uma crescente comunidade, possuidora de uma economia e cultura próprias, amante da paz e portadora do progresso a todos os habitantes do país, que agora aspira à independência e à soberania.

«4. No ano 5675 (1957) se reuniu o Primeiro Congresso Sionista, respondendo ao chamado visionário do Estado Judeu, Theodor Herzl, e proclamou o direito do povo judeu ao ressurgimento nacional em seu próprio país.

«5. Este direito foi reconhecido pela Declaração Balfour de 2 de novembro de 1917 e ratificado pelo Mandato da Liga das Nações, que deu explícito vigor internacional ao histórico vínculo entre o povo judeu e Eretz Israel e ao direito do povo judeu de reconstituir seu Lar Nacional.

«6. O cataclisma ocorrido recentemente sobre o povo Israel, em que foram massacrados milhões de judeus na Europa, demonstrou claramente uma vez mais que é mister solucionar o problema do povo judeu, carente de pátria e de independência, restaurando o Estado Judeu em Eretz Israel, que abrirá suas portas a todos os judeus e os levará a uma posição de nação com igualdade de direitos na família dos povos.

«7. Os sobreviventes do horrendo massacre nazista na Europa e os judeus de outros países jamais cessaram de imigrar a Eretz Israel, apesar

de todas as dificuldades, obstáculos e perigos, e não deixaram de exigir seu direito a uma vida de dignidade, liberdade, trabalho e justiça na pátria do seu povo.

«8. Na Segunda Guerra Mundial a população judia de Eretz Israel contribuiu ao máximo para a luta que as nações amantes da liberdade e da paz empreenderam contra a barbárie nazista; seu esforço bélico e o sangue derramado por seus soldados lhes valeram o direito de se contarem entre os povos fundadores da Aliança das Nações Unidas.

«9. A Assembléia Geral das Nações Unidas adotou, a 29 de novembro de 1947, uma resolução, dispondo sobre a criação de um Estado Judeu em Eretz Israel. A Assembléia exigiu dos habitantes de Eretz Israel que tomassem eles mesmos todas as medidas pertinentes para a execução desta resolução. Este reconhecimento, por parte das Nações Unidas, do direito de o povo judeu criar o seu próprio Estado é irrevogável.

«10. É direito natural do povo judeu desenvolver, como todos os demais povos, uma existência independente em seu Estado soberano.

«11. **Por conseguinte, nós, membros do Conselho do Povo, representantes da população judia em Eretz Israel e do Movimento Sionista, nos reunimos hoje, no dia do término do Mandato Britânico sobre Eretz Israel, e, em virtude de nosso direito natural e histórico e em base à Resolução da Assembléia das Nações Unidas, proclamamos a fundação de um Estado Judeu em Eretz Israel, o Estado de Israel.**

«12. Resolvemos que, a partir do instante do

término do Mandato, à meia-noite, entre 5 e 6 de iar de 5708 (14 de maio de 1948), até o estabelecimento dos organismos eleitos e permanentes de Estado, de acordo com a constituição que será promulgada pela Assembléia Constituinte do Povo, atuará na qualidade de Conselho Provisional do Estado, e seu organismo executivo, a Administração do Povo, a qual constituirá o Governo Provisional do Estado Judeu, que se chamará ISRAEL.

«13. **O Estado de Israel estará aberto à imigração judia de todos os paises, promoverá o desenvolvimento do pais para beneficio de todos os seus habitantes, e estará baseado nos principios de liberdade, justiça e paz, à luz dos ensinamentos dos profetas hebreus; manterá uma completa igualdade social e politica de direitos para seus cidadãos, sem distinção de credo, raça ou sexo, e garantirá a liberdade de culto, consciência e idioma, ensino e cultura; salvaguardará os lugares santos de todas as religiões e será fiel aos principios da Carta das Nações Unidas.**

«14. O Estado de Israel estará disposto a cooperar com os organismos e os representantes das Nações Unidas para levar à prática a Resolução da Assembléia Geral de 29 de novembro de 1947, e tomará as medidas necessárias para criar a união econômica de toda a Eretz Israel.

«15. Conclamamos as Nações Unidas a ajudar o povo judeu na construção de seu Estado e a admitir o Estado de Israel na família das nações.

«16. **Exortamos — ainda em meio desta agressão sangrenta que se vem levando a cabo contra nós há vários meses — aos habitantes árabes do**

Estado de Israel a manter a paz e a participar na construção do Estado em base a plenos direitos civis e a uma representação adequada em todas as suas instituições temporais e permanentes.

«17. Oferecemos a paz e a amizade a todos os países vizinhos e seus povos e os convidamos a cooperar com o povo judeu independente em sua pátria, em base à ajuda mútua. O Estado de Israel está disposto a colaborar no esforço comum para o progresso de todo o Oriente Médio.

«18. Conclamamos o povo judeu, em toda a Diáspora, a congregar-se em torno da população do Estado e ajudá-lo em suas tarefas de imigração e construção e em sua grande luta para cristalização de suas aspirações milenárias pela rendenção do país.

«19. **Com fé no Todo-Poderoso, firmamos, com nosso punho, a letra desta declaração, na sessão do Conselho Provisional do Estado sobre o solo da Pátria, na cidade de Tel-Aviv, este dia, véspera de sábado, o 5 de iar 5708, 14 de maio de 1948.**

«20. David Ben Gurion assina o documento com mais 37 líderes israelenses.»

Alegramo-nos sobremaneira, porque na Declaração acima, em o nº 19, há uma demonstração de «fé no Todo-Poderoso», sobre o qual é firmado o singular documento, em que estão revelados os nobres propósitos dos fundadores do novo Estado de Israel. Alegremo-nos, ainda, pelo fato de chamar-se **Estado de Israel**, e não **Estado Judeu**, porque aquele incorpora as doze tribos e este apenas a tribo de Judá. Dominou, cremos, em tudo isto, embora sem saberem, a orientação divina.

A transcrição que acabamos de fazer, desta nobre Declaração, bem como de outros documentos que passamos para estas páginas, constituem precioso documentário que os leitores continuariam a ignorar. Esperamos ser úteis, pelo menos, neste particular. Segue mais uma parte importante:

UMA ANÁLISE DA DECLARAÇÃO

«A mencionada proclamação da fundação do Estado de Israel é, como já dissemos, a pedra fundamental do Estado de Israel. É a sua primeira e mais importante lei. Com sua publicação foi fundado o Estado e estabelecidas, de uma vez para sempre, suas bases. Merece, portanto, a dita declaração, que aclaremos o conteúdo e a intenção de seus parágrafos. Só assim poderemos compreender para que fins foi fundado o Estado, quais são os seus problemas e o que devemos fazer para solucioná-los.

«A Declaração de Independência é composta de cinco partes. A numeração dos parágrafos foi anexada por nós para facilitar sua análise. A primeira parte — parágrafo 1 a 10 — embassa os direitos à independência nacional em momentos históricos, legais e naturais; a segunda — parágrafos 11 e 12 — contém a proclamação da fundação do Estado; a terceira — parágrafos 13 e 14 — enumera os princípios sobre os quais se baseiam o Estado e seus fins principais; a quarta — parágrafos 15 a 18 — está dirigida às Nações Unidas, aos árabes do país, aos países vizinhos e ao povo judeu no mundo; e a quinta — parágrafos

19 e 20 — contém o fechamento e as assinaturas.

O POVO DE ISRAEL E A TERRA DE ISRAEL

«Nos primeiros parágrafos, a Declaração fixa, como já dissemos, as bases histórico-ideológicas de nosso direito de independência. Neles se expõem somente os momentos fundamentais, pois, na realidade, a marcha e o desenvolvimento de nossa história são muito mais complicados do que neles se adverte. No começo, a Declaração estabelece a vinculação eterna entre o povo de Israel e a Terra de Israel, posto que esta vinculação é a pedra fundamental e a base de todas as nossas exigências para com esta terra e nela reside a raiz do problema judeu em geral. É errôneo o conceito de que a dispersão de Israel começou a destruição do Segundo Templo; a dispersão do povo judeu precedeu-a em centenas de anos. Ela se iniciou já na época da destruição do Primeiro Templo. Nos dias do Segundo Templo, o número dos judeus que se encontravam fora dos limites do país era muito maior do que o dos residentes em Eretz Israel. A vida dos que viviam no estrangeiro era, no entanto, sadia... Os judeus que se encontravam disseminados pelo mundo antes da destruição do Segundo Templo viviam, em sua maior parte, concentrados nos países do Mediterrâneo. Tanto eles mesmos quanto os povos entre os quais viviam se consideravam filhos de um só povo, cujo centro político, religioso e cultural se encontrava em Eretz Israel, e cuja metrópole era Jerusalém. Só quando o Templo foi destruído pela segunda vez e Eretz Israel perdeu

seu caráter de centro real para o povo judeu, a 'dispersão' se converteu em **galut** (Diáspora), no sentido atual do termo... Porém a vinculação do povo judeu com sua terra é única em seu gênero e não tem comparação com nenhum outro povo. Aqui não cabe explicar detalhadamente como se formou esta vinculação sem igual entre o povo judeu e a sua terra. Será suficiente dizer que aquele **Livro do Livros*** criado pelo povo judeu em Eretz Israel, em virtude de cuja santidade a Terra de Israel se converteu em Terra Santa para todas as religiões, foi que conservou no coração do povo a recordação viva desta terra e de seus laços históricos, sendo ao mesmo tempo o fator que não permitiu que esse vínculo fosse só de caráter religioso-espiritual (**Alex Bein**).»

NAÇÕES UNIDAS VERSUS SIONISMO

O mundo inteiro ficou alarmado com determinadas resoluções das Nações Unidas contra o povo de Israel. As resoluções tomadas não foram apenas contra o Sionismo, como uma organização que, desde o seu início, procurou reunir os israelenses dispersos pelas nações em todo o mundo, com o objetivo comum de retornar à Pátria dos seus maiores — dos seus antepassados e doados

---

(*) **Nota** — O Livro dos livros não foi «criado pelo povo judeu», mas doado por Deus, através dos seus inspirados profetas. Israel serviu apenas de Oráculo para transmiti-lo a todos os povos.
(Nota do transcritor).

por Deus mesmo aos seus descendentes, por possessão perpétua — mas contra o Estado de Israel. E é **sui generis** que tenha sido a própria ONU, que , tendo, solenemente, criado o Estado de Israel soberano e autônomo e o recebido em seu seio como um dos seus membros, com os mesmos direitos dos demais, tenha tomado tão cruéis decisões.

Já se foi o tempo em que a diplomacia secreta deixava o povo em geral na ignorância do que era resolvido nos seus bastidores. Hoje o mundo inteiro está a par de tudo o que acontece no cenário humano. Os tristes fatos que condenaram Israel são repudiados pela quase totalidade dos povos. E muitas vozes se têm levantado contra atos tão condenáveis!

SIONISMO & LIGA ÁRABE

Condenar o Sionismo como «uma forma de racismo e discriminação racial» e não condenar a «Liga Árabe», que podia ser denominada «Arabismo», e tem a mesma finalidade do Sionismo, honesta e nobre — a união do seu povo numa organização geral; para o bem comum — é usar «dois pesos e duas medidas, que é abominação aos olhos do Senhor Deus». E foi justamente isto o que fizeram as Nações Unidas contra o Estado de Israel. Vemos com tristeza a autodestruição da Organização que se tornou esperança dos povos após a tremenda catástrofe que abalou o mundo — a II Guerra Mundial.

O povo árabe, na sua maioria, não é inimigo de Israel. São duma mesma origem — semita. Os

chefes eventuais que dirigem as nações árabes, estes é que se constituiram os figadais inimigos e opositores do povo de Israel, e o combatem, usando todos os processos, ainda os mais condenáveis.

E tal asserção pode ser provada com o fato de que os árabes possuem enormes territórios vazios e que levará talvez mais de um século para poderem povoá-los. Por que, então, esta luta crucial e mortal pelo insignificante território que Israel ocupa na chamada Palestina? Talvez não chegue a 2% a parte territorial que Israel ocupa. A questão é, portanto, política, e não territorial. Os fatos o comprovam.

É quase de estarrecer que no preâmbulo da resolução das Nações Unidas se afirme que o Sionismo é uma constante ameaça à segurança e à paz mudiais, «e exorta todos os países a se oporem a essa ideologia racista e imperialista». Anteriormente, a Assembléia Geral da ONU havia aprovado outras duas resoluções tremendamente violentas contra Israel — violentas na linguagem, como nos seus malvados objetivos: A participação dos chamados grupos terroristas — Organização de Libertação da Palestina (OLP) — tanto na Conferência de Genebra como em reuniões sobre o Oriente Médio. Esta foi a primeira decisão, e a segunda, semelhante a esta, foi: Criar uma Comissão na ONU contra o «Apartheid» (discriminação racial); para «o exercício do seu mandato, tal Comissão estará autorizada a «receber e considerar sugestões e propostas de qualquer Estado e organização regional inter-governa-

mental e da Organização de Libertação da Palestina».

Diante de tudo isto, quem a ONU está convidando e pedindo para apresentar questões e propostas concernentes à paz no Oriente Médio? A Organização de Libertação da Palestina é aquela federação de grupos árabes de terror que pretende representar os palestinos e que, mediante suas ações e o uso indiscriminado de terror, tem violado cada um dos princípios da Carta das Nações Unidas e todos os cânones da lei internacional. Seu objetivo declarado é iliminar o Estado de Israel, o que está expresso claramente na sua constituição, o documento conhecido como Carta Nacional da Palestina.

O Artigo 9 declara: «**A luta armada é o único meio de libertar a Palestina, constituindo, portanto, uma estratégia, e não uma tática.**»

O Artigo 15 declara: «A Libertação da Palestina... é o expurgo da presença sionista na Palestina.»

O Artigo 20 declara: «A alegação de um laço histórico ou espiritual entre os judeus e a Palestina não condiz com as realidades históricas...»

O Artigo 22 declara: «O Sionismo... é um movimento racista e fanático na sua formação, agressivo, expancionista e colonialista nos seus objetivos e fascista e nazista nos seus meios. Israel é o instrumento do movimento sionista e uma base humana e geográfica para o imperialismo mundial...»

O chefe do movimento (OLP), Iasser Arafat, é muito mais claro ainda: «Não descansaremos até que voltemos para casa e Israel seja destruído... O

objetivo da nossa luta é o fim de Israel e não pode haver compromissos nem mediações... **Não queremos paz; queremos vitória. Paz, para nós, significa a destruição de Israel, e nada mais.**» (**Nova República**, 16 de novembro de 1974 (O negrito é nosso).

Reflitamos bem! É possível Israel reunir-se em conferência (a de Genebra, por exemplo), no mesmo pé de igualdade, com inimigos como o que se expressa nos termos acima? Infelizmente, o povo, de modo geral, desconhece estes fatos e culpa Israel de irredutível na sua posição.

OS EXECUTORES DE TAIS RESOLUÇÕES

A imprensa mundial denunciou as atitudes dos atuais patrocinadores dessas Resoluções, dos países árabes, aprovadas pela ONU. Eles revelaram o espírito racista, só comparado ao dos nazi-facistas.

Senão vejamos:

«— nos anos 30 e 40, os iraquianos mataram os assírios a espada.

— desde a Revolução Egípcia, 1952, os coptas sofrem severa discriminação;

— em fins da década de 50 e durante os anos 60, os negros foram ao ponto do genocídio no Sudão;

— nos anos 60 os curdos, na Síria, foram duramente reprimidos;

— desde a década de 60 até a última primavera, os curdos foram sistematicamente massacrados no Iraque;

— e agora, o destino dos maronitas, no Líbano, parece estar selado.»

O lamentável, porém, como tudo indica, é que as Nações Unidas não deram muita importância a estes desmandos acima mencionados...

OS DEFENSORES DE ISRAEL

Não foram muitos, mas estavam bem esclarecidos concernente aos fatos.

O Embaixador dos Estados Unidos, na ONU, a 21 de outubro, assim se expressou: «... trata-se de um ataque não contra o sionismo, mas contra Israel. Como tal, é uma agressão da maioria das nações aos princípios da democracia liberal, que atualmente existe em um número reduzido de países.»

Apesar dessa pequena minoria de nações a favor da existência de Israel, pode figurar aqui o prolóquio da sabedoria humana: «Um com Deus é maioria.» E, não resta dúvida, o Senhor sempre esteve e estará com o seu povo Israel, e suas manifestações maravilhosas nos dias passados, em relação à Israel, são hoje história e solene aviso — advertência oportuna aos seus opositores.

Senão vejamos:

Os midianitas e amalequitas invadiram as terras de Israel. Lemos: «Os midianistas, os amalequitas, e todos os filhos do Oriente cobriam o vale, como gafanhotos em multidão; e os seus camelos eram inumeráveis, como a areia na praia do mar» (Juízes 7:12). Assim, Gideão agiu com os seus trezentos: «Então dividiu os trezentos

homens em três companhias, pôs nas mãos de cada um deles trombetas, e cântaros vazios contendo tochas acesas, e disse-lhes: Olhai para mim, e fazei como eu fizer; e eis que, chegando eu à extremidade do arraial, como eu fizer, assim fareis vós. Quando eu tocar a trombeta, eu e todos os que comigo estiverem, tocai também vós as trombetas ao redor de todo o arraial, e dizei: Pelo Senhor e por Gideão! Gideão, pois, e os cem homens que estavam com ele chegaram à extremidade do arraial, ao princípio da vigília do meio, havendo sido de pouco colocadas as guardas; então tocaram as trombetas e despedaçaram os cântaros que tinham nas mãos. Assim tocaram as três companhias as trombetas, despedaçaram os cântaros, segurando com as mãos esquerdas as tochas e com as direitas as trombetas para as tocarem, e clamaram: A espada do Senhor e de Gideão! E conservou-se cada um no seu lugar ao redor do arraial; então todo o exército deitou a correr e, gritando fugiu. Pois, ao tocarem os trezentos as trombetas, o Senhor tornou a espada de um contra o outro, e isto em todo o arraial, e fugiram até Bete-Sita, em direção de Zererá, até os limites de Abel-Meolá, junto a Tabate. Então os homens de Israel, das tribos de Naftali, de Aser e de todo o Manassés, foram convocados e perseguiram a Midiã. Também Gideão enviou mensageiros por toda a região montanhosa de Efraim, dizendo: Descei ao encontro de Midiã, e ocupai-lhe as águas até Bete-Bara, e também o Jordão. Convocados, pois, todos os homens de Efraim, tomaram-lhe as águas até Bete-Bara, e também o Jordão; e prenderam dois príncipes de Midiã,

Orebe e Zeebe...» (Juizes 7:16-25).

No reinado do rei Asa, em Judá, «Zerá, o etíope, saiu contra eles, com um exército de um milhão de homens, e trezentos carros, e chegou até Maressa. Então Asa saiu contra ele, e ordenaram a batalha no vale de Zefatá, junto a Maressa. E Asa clamou ao Senhor seu Deus, dizendo: Ó Senhor, nada para ti é ajudar, quer o poderoso quer o de nenhuma força. Ajuda-nos, pois, o Senhor nosso Deus, porque em ti confiamos, e no teu nome viemos contra esta multidão. Ó Senhor, tu és nosso Deus, não prevaleça contra ti o homem. E o Senhor desbaratou os etíopes diante de Asa e diante de Judá; e os etíopes fugiram. Asa e o povo que estava com ele os perseguiram até Gerar; e caíram tantos dos etíopes que já não havia neles resistência alguma; porque foram quebrantados diante do Senhor, e diante do seu exército. Os homens de Judá levaram dali mui grande despojo» (II Crôn. 14:9-13).

Se não bastam os dois exemplos acima, apontamos mais um apenas, além de muitos outros, que poderíamos grafar nestas páginas, de como o Senhor cuida do seu povo, amparando-o nas circunstâncias mais difíceis em que eles se encontrarem. E o Senhor é o mesmo ontem, e hoje e para todo o sempre. Ele não muda, apesar de mudar tudo de acordo com os seus propósitos.

Ezequias, o fiel rei de Judá, foi insultado por um emissário do rei Senaqueribe, que lhe invadiu o reino. Senaqueribe enviou-lhe uma carta ultrajante, e «Ezequias, pois, tendo recebido a carta das mãos dos mensageiros, e tendo-a lido, subiu à casa do Senhor, e a estendeu perante o Senhor.

E Ezequias orou perante o Senhor, dizendo: Ó Senhor Deus de Israel, que estás assentado sobre os querubins, tu mesmo, só tu és Deus de todos os reinos da terra; tu fizeste o céu e a terra. Inclina, ó Senhor, o teu ouvido, e ouve; abre, ó Senhor, os teus olhos, e vê, e ouve as palavras de Senaqueribe, com as quais enviou seu mensageiro para afrontar o Deus vivo.

«Sucedeu, pois, que naquela mesma noite saiu o anjo do Senhor, e feriu, no arraial dos assírios, a cento e oitenta e cinco mil deles; e, levantando-se os assírios pela manhã cedo, eis que aqueles eram todos cadáveres. Então Senaqueribe, rei da Assíria, se retirou e, voltando, habitou em Nínive.

«E quando ele estava adorando na casa de Nisroque, seu deus, Adrameleque e Sarezer, seus filhos, o mataram à espada e fugiram para a terra de Arará. E Esar-Hadom, seu filho, reinou em seu lugar» (II Reis 19:14-16, 35-37).

E assim a palavra inspirada do apóstolo Paulo se cumpre em sua plenitude: «Não vos enganeis; Deus não se deixa escarnecer; pois tudo o que o homem semear, isso também ceifará. Porque quem semeia na sua carne, da carne ceifará a corrupção; mas quem semeia no Espírito, do Espírito ceifará a vida eterna» (Gálatas 6:7,8).

Muitos consideram estes fatos bíblicos como fábulas, mas nós os aceitamos como fatos fabulosos, prodigiosos, extraordinários, miraculosos. Apesar de o mundo estar posto no maligno e Satanás ser o príncipe deste mundo, Deus é quem governa e dirige todos os acontecimentos mundiais, e, através de sua vontade permissiva, ele deixa que Satanás opere nos filhos da desobedi-

ência, ou seja, na quase totalidade dos seres humanos.

Um dia, porém, será o ajuste de contas, e para os culpados «horrenda coisa é cair nas mãos do Deus vivo» (Hebreus 10:31).

Como os nazistas — conforme se expressou certo escritor — tentaram fazer do judeu um «untermensch» (um sub-homem), os árabes, por seu turno, têm tentado fazer de Israel um «unterstaat» (um sub-Estado ou Estado pária.)

Após terem endossado a Resolução árabe, as Nações Unidas sancionaram oficialmente o **anti-semitismo**. O ex-Ministro de Israel, Abba Eban, escreveu em **New York Times**, em 3 de novembro de 1975: «O anti-semitismo clássico nega os direitos iguais dos judeus como cidadãos dentro da sociedade. O anti-sionismo nega os direitos iguais do povo judeu à sua soberania legal dentro da comunidade das nações... Só o que acontece é que o princípio discriminação foi transferido do campo dos direitos individuais para o da identidade coletiva.»

Com sua fobia contra Israel, a cúpula dos árabes aproveitou a Conferência Mundial do Ano Internacional da Mulher para despejar o seu ódio e manobrar a Conferência. E assim conseguiram incluir, na Declaração Final da Conferência, o «sionismo» como uma das ideologias («juntamente com o colonialismo, neo-colonialismo, ocupação estrangeira, **apartheid** e discriminação racial») que precisam de ser «eliminadas».

Na Conferência da Organização das Unidades Africanas, em Campala, a cousa não foi diferente. Conseguiram inserir as mesmas nefandas ofensas

anti-sionistas nas resoluções da Conferência, endossadas em plenário.

COMO O MUNDO SE MANIFESTOU

Apesar de aceita a resolução contra Israel, o mundo protestou vigorosamente, através de representantes de várias nações e grande parte da imprensa mundial. Transcrevemos para esta seção vários pontos de vista:

Em 9 de outubro, o Chanceler de Costa Rica foi veemente no seu protesto: «Penso que a investida contra o sionismo é uma forma eufemística de reviver o anti-semitismo que conduziu às atrocidades do período nazista antes e durante a última Guerra Mundial.»

Por outro lado, a Noruega, através de sua Chancelaria, oficialmente, em 18 de outubro de 1975, assim se expressou: «... do ponto de vista nórdico, foi impossível aceitar o sionismo como uma forma de discriminação racial... Isto significa que todo o objetivo do trabalho da chamada Década contra a Discriminação Racial será radicalmente modificado.»

Em Moscou, Andrei Sakharov, Prêmio Nobel da Paz, declarou, pela imprensa, em 22 de outubro de 1975: «Esse projeto, penso eu, só pode encorajar as tendências anti-semitas dentro de inúmeros países. Ele nega indiretamente a justificativa do Estado de Israel e contradiz, assim, a letra e o espírito das decisões da ONU sobre o assunto.»

Um detentor do «Prêmio Nobel de Medicina», André Lwoff, escreveu a grande número de influentes intelectuais de todo o mundo, em 24 de

outubro de 1975, o seguinte: «Ao condenar o sionismo, a Assembléia Geral da ONU estará votando simbolicamente pela destruição do próprio Estado Judeu e, contra a sua vontade, estará encorajando os países da região a mais uma vez pegarem em armas.»

Vejamos como se manifestou George Meany (presidente da Central Sindical dos Estados Unidos), em 31 de outubro: «A Resolução torna-se ridícula em vista da perseguição de minorias religiosas e nacionais nas terras de seus patrocinadores.»

No Parlamento Italiano, o Secretário do Partido Republicano Italiano, em 21 de outubro de 1975, foi vigoroso na sua condenação. Disse ele: «O voto na ONU equipara, de forma inacreditável, o sionismo às teorias racistas. Isto é um ato vergonhoso, que induz a perder confiança na natureza e no propósito da ONU... Os partidos comunistas (europeus) que alegam que desejam pertencer à Europa ficam silenciosos diante deste episódio vergonhoso.»

AGORA A OPINIÃO DA IMPRENSA MUNDIAL

Comecemos com os nossos jornais. Com o título: **Vitória do Racismo**, o **Jornal do Brasil** de 12 de novembro de 1975, em sua parte editorial, escreveu: «O movimento sionista é indissociável do judaísmo. Não se pode condenar um sem rejeitar o outro em sua essência. Acoimar o sionismo de racista e pretender, ao mesmo tempo, um apregoado apoio ao Estado de Israel, que surgiu graças ao histórico esforço do Sionismo, equivale a tapar o sol com uma peneira.»

E prossegue: «As Nações Unidas falham no seu objetivo de arbitrar conflitos e dirimir crises em proveito da melhor convivência internacional. A credibilidade do órgão sofre rude abalo quando deslustra os princípios inspiradores de sua criação para endossar, através de um subterfúgio, manobras tendentes à destruição de um Estado implantado por sua iniciativa e respaldado em seu consentimento. Pois a moção árabe não significa outra coisa que um golpe indiretamente assestado contra o Estado Judeu; o Sionismo, no caso, serviu de pretesto.»

E, mas adiante: «Para desdouro da ordem internacional, necessitada de reajustes e compromissos formulados em mesas de conferências, as Nações Unidas, tanto neste caso explícito quanto em alguns outros que o antecederam, mostram-se inclinadas a esvaziar sua transcendência, despindo os paramentos da instituição de alta relevância...

«O movimento sionista, de substrato religioso e filosófico, foi fundado na Europa, em plena diáspora, com o objetivo de devolver aos judeus o lar ancestral. Judeus de todas as partes do mundo, sem discriminação quanto à epiderme, conforme hoje representados na comunidade judaica internacional em que logo se transformou o Estado de Israel.»

Do **Estado de S. Paulo** de 9 de dezembro de 1975, do artigo **Angustiante a Situação de Israel**, destacamos os seguintes tópicos: «Sua experiência de vinte e oito anos de precária existência demonstra que os árabes, jamais reconhecendo a sua existência» (o Estado de Israel), «todas as

vezes que se sentem bastante fortes passam à ofensiva bélica, com a intenção de erradicar do mapa o país vizinho...

«O objetivo da campanha anti-sionista na ONU é idêntico ao da campanha anti-semita que grassou na Alemanha nazista. Hittler quis exterminar os judeus europeus; a maioria dos membros da ONU parece estar disposta a extinguir o Estado de Israel, cuja população é constituída por judeus que sobreviveram ao genocídio nazista.»

Em seu Editorial de 1 de novembro, **O Globo** assim se expressou: «Sionismo é a busca de um território para uma nação, e nada se encontra nesse movimento de retorno que signifique a a agressão ou intolerância racista.»

Da imprensa mundial, destacamos alguns tópicos: «Telegraf (Holanda) escreveu, em editorial, a 20 de outubro: 'Com isso a ONU perdeu a última reminiscência de seu prestígio mundial e não mais merece o apoio do mundo ocidental'.»

Em Estocolmo, o **Svenska Dagbladet** escreveu, em 24 de outubro, o seguinte: «Essa resolução é uma pavorosa evidência da degeneração que invade a organização mundial em vários setores.»

O **Arbeiderbladet** de Oslo, no seu editorial de 20 de outubro, foi bem preciso no seu temor pela sorte da ONU, tendo este comentário: «Existe motivo para advertir à maioria, que parece sempre disposta a se mobilizar para as resoluções anti-israelenses, que ela poderá arruinar a Organização Mundial, a menos que volte à razão.»

É interessante e notável que em Nairobi, Quênia, **The Sunday Nation,** comentando a resolução da ONU, fez este comentário: «... os delegados na

ONU, no tentar descobrir se o sionismo é o mesmo que racismo, deveriam entender que os israelenses são um povo que merece ter um lar só seu, assim como todos nós.» Isto foi publicado em 26 de outubro.

Na Argentina, o **Buenos Ayres Herald** diz, no seu editorial: «Herdeiros de Hitler», e, em seu número de 27 de outubro, fez o seguinte comentário: «Os países que votaram pela Resolução fizeram julgamento sobre sua própria ética.»

Basta. O repúdio àquela infeliz resolução contra o povo de Deus é a **espada de Dâmocles** — perigoso símbolo que pende sobre a cabeça das nações. Que o Senhor se apiede deste mundo, tão desorientado e dominado por influências satânicas. Há lugar para todos debaixo do sol, e o ódio tem por única finalidade separar e destruir.

Através das páginas que se seguem, encontrará, o leitor, o roteiro seguro que está para acontecer em nosso arruinado e agonizante mundo. Temos pena da juventude e das crianças de hoje — das novas gerações — pois cousas espantosas e horrendas alarmarão a humanidade, até que chegue o grande dia, quando o Senhor habitará a cidade de **SIÃO**, sentado no restaurado trono de Davi, como REI Messias. **AMÉM! ALELUIA!**



SIÃO CENTRO DE REFÚGIO E ALEGRIA DOS SALVOS

Deus prometeu abençoar todas as nações da terra através do seu povo escolhido — o povo de Israel — e que seu santuário, no meio deles, terá o seu lugar permanente no monte SIÃO. Usaremos o mesmo critério adotado em nosso último livro — **O Oriente Médio, A Batalha de Armagedom, e Depois?...** Deixaremos que Deus mesmo fale através de sua santa Palavra. «Porque Deus salvará a Sião, e edificará as cidades de Judá, e ali habitarão os seus servos e a possuirão. E herdá-la-á a descendência de seus servos, e os que amam o seu nome habitarão nela» (Salmos 69:35, 36). «Quão formosos sobre os montes são os pés do que anuncia as boas-novas, que proclama a paz, que anuncia coisas boas, que proclama a salvação, que diz a Sião: O teu Deus reina! Eis a voz dos teus atalaias! eles levantam a voz, juntamente exultam, porque de perto contemplam a volta do Senhor a Sião. Clamai cantando, exultai juntamente, desertos de Jerusalém; porque o Senhor consolou o seu povo, remiu a Jerusalém... porque o Senhor irá diante de vós, e o Deus de Israel será a vossa retaguarda» (Isaías 52:7-9,12).

«E estrangeiros edificarão os teus muros, e os seus reis te servirão; porque na minha ira te feri, mas na minha benignidade tive misericórdia de ti. As tuas portas estarão abertas de contínuo; nem de dia nem de noite se fecharão; para que te sejam trazidas as riquezas das nações, e conduzidos com elas os seus reis. Porque a nação e o reino que não te servirem perecerão; sim, essas nações serão de todo assoladas. A glória do Líbano virá a ti; a faia, o olmeiro e o buxo conjuntamente, para ornarem o lugar do meu santuário; e farei glorioso o lugar em que assentam os meus pés. Também virão a ti, inclinando-se, os filhos dos que te oprimiram; e prostar-se-ão junto às plantas dos teus pés todos os que te desprezaram; e chamar-te-ão a cidade do Senhor, a Sião do Santo de Israel. Ao invés de seres abandonada e odiada como eras, de sorte que ninguém por ti passava, far-te-ei uma excelência perpétua, uma alegria de geração em geração» (Isaías 60:10-15).

O profeta Sofonias, inspirado pelo Espírito Santo, descreve, em linguagem poética, as glórias futuras de Sião: «Canta alegremente, ó filha de Sião; rejubila, ó Israel; regozija-te e exulta de todo o coração, ó filha de Jerusalém. O Senhor afastou os juízos que havia contra ti, lançou fora o teu inimigo; o Rei de Israel, o Senhor, está no meio de ti; não temerás daqui em diante mal algum. Naquele dia se dirá a Jerusalém: Não temas, ó Sião; não se enfraqueçam as tuas mãos. O Senhor teu Deus está no meio de ti, poderoso para te salvar; ele se deleitará em ti com alegria; renovar-te-á no seu amor, regozijar-se-á em ti com júbilo. Os que em tristeza suspiram pela assem-

bléia solene, os quais te pertenciam, eu os congregarei; esses para os quais era um opróbrio o peso que estava sobre ela. Eis que naquele tempo procederei contra todos os que te afligem; e salvarei a que coxeia, e recolherei a que foi expulsa; e deles farei um louvor e um nome em toda a terra em que têm sido envergonhados. Naquele tempo vos trarei, naquele tempo vos recolherei; porque farei de vós um nome e um louvor entre todos os povos da terra, quando eu tornar o vosso cativeiro diante dos vossos olhos, diz o Senhor» (Sofonias 3:14-20).

Referindo-se à vinda do Rei Justo e Salvador, assim se expressa Zacarias: «Alegra-te muito, ó filha de Sião; exulta, ó filha de Jerusalém; eis que vem a ti o teu rei; ele é justo e traz a salvação; ele é humilde e vem montado sobre um jumento, sobre um jumentinho, filho de jumenta» (Zac. 9:9; Mat. 21:5). Parte desta profecia se cumpriu com a primeira vinda do Messias Jesus, mas terá o seu completo cumprimento quando o Senhor Jesus retornar em majestade e glória, com todos os seus santos, para habitar em **Sião**, devendo ser assim recebido pelo remanescente de Israel: «Mas sobre a casa de Davi, e sobre os habitantes de Jerusalém, derramarei o espírito de graça e de súplicas; e olharão para aquele a quem traspassaram, e o prantearão como quem pranteia por seu filho único; e chorarão amargamente por ele, como se chora pelo primogênito» (Zac. 12:10). «Naquele dia estarão os seus pés sobre o monte das Oliveiras, que está defronte de Jerusalém para o oriente; e o monte das Oliveiras será fendido pelo meio, do oriente para o ocidente, e haverá um

vale muito grande; e metade do monte se removerá para o norte, e a outra metade dele para o sul. E fugireis pelo vale dos meus montes, pois o vale dos montes chegará até Azel; e fugireis assim como fugistes de diante do terremoto nos dias de Uzias, rei de Judá. Então virá o Senhor meu Deus, e todos os santos com ele» (Zac. 14:4,5).

Por que razão será fendido o Monte das Oliveiras? Naqueles tempos Jerusalém estará cercada por forças inimigas, para a batalha final de Armagedom. Para libertar o seu povo de completa destruição, pelo inimigo que o cerca, o Senhor age miraculosamente, abrindo caminho para o seu povo escapar, fugindo. A respeito, leiamos o que nos diz Daniel, o profeta do Senhor: «Naquele tempo se levantará Miguel, o grande príncipe, que se levanta a favor dos filhos do teu povo, e haverá um tempo de tribulação qual nunca houve desde que existiu nação até aquele tempo; mas naquele tempo livrar-se-á o teu povo, todo aquele que for achado escrito no livro» (Dan. 12:1). Estes serão os remanescentes de Israel, cujos nomes estão inscritos no livro da vida, com os quais o Senhor estabelecerá o seu Reino Milenário, após o julgamento das nações e a prisão de Satanás.

Nesta altura, façamos nossas as palavras com que o apóstolo João encerra o Apocalipse: «Certamente cedo venho. Amém. Ora, vem Senhor Jesus.»

SIÃO A MORADA QUE O SENHOR AMA



GRANDES coisas estão reservadas para **SIÃO**, a Cidade amada do Senhor.

Com visão panorâmica do futuro, o salmista, inspirado pelo Espírito Santo, em linguagem arrebatadora, mostra que o Senhor, nos seus desígnios, «antes escolheu a tribo de Judá, o monte Sião, que ele amava. Edificou o seu santuário durável como os lugares elevados, e como a terra que fundou para sempre» (Salmos 78:68,69). Fala da beleza espiritual de SIÃO, e do privilégio dos que nasceram ali, e da alegria arrebatadora de todos os seus cantores. «Exulta, e alegra-te, ó filha de Sião; pois eis que venho, e habitarei no meio de ti, diz o Senhor. E naquele dia muitas nações se ajuntarão ao Senhor, e serão o meu povo; e habitarei no meio de ti, e saberás que o Senhor dos exércitos me enviou a ti. Então o Senhor possuirá a Judá como sua porção na terra santa, e ainda escolherá a Jerusalém». (Zac. 2: 10-12). «O fundamento dela está nos montes santos. O Senhor ama as portas de Sião mais do que todas as habitações de Jacó. Coisas gloriosas se dizem de ti, ó cidade de Deus. Todas as minhas fontes estão em ti» (Salmos 87:1-3,7).

O canto do Senhor através do mundo inteiro proclama que ele tem feito cousas maravilhosas e

excelentes a fim de torná-las conhecidas entre todos os povos, em todo o mundo.

Com as grandes conquistas tecnológicas dos nossos dias e o evolver constante dos conhecimentos humanos, os acontecimentos que se desenrolam no cenário mundial tornam-se conhecidos pelo mundo inteiro em instantes, através do rádio e da televisão. E assim, a volta do Senhor a Sião torna-se rapidamente conhecida em todo o mundo.

O RESSOAR DA TROMBETA

«Tocai a trombeta em Sião, e dai o alarma no seu santo monte. Tremam todos os moradores da terra, porque vem vindo o dia do Senhor; já está perto; dia de trevas e de escuridão, dia de nuvens e de negrume! Como a alva, está espalhado sobre os montes um povo grande e poderoso, qual nunca houve, nem depois dele haverá pelos anos adiante, de geração em geração. Diante dele um fogo consome, e atrás dele uma chama abrasa; a terra diante dele é como o jardim do Éden, mas atrás dele um desolado deserto; sim, nada lhe escapa.

«A sua aparência é como a de cavalos; e como cavaleiros, assim correm. Como o estrondo de carros sobre os cumes dos montes vão eles saltando, como o ruído da chama de fogo que consome o restolho, como um povo poderoso, posto em ordem de batalha. Diante dele estão angustiados os povos; todos os semblantes empalidecem. Correm como valentes, como homens de guerra sobem os muros; e marcham cada um

nos seus caminhos e não se desviam da sua fileira. Não empurram uns aos outros; marcham cada um pelo seu carreiro; abrem o caminho por entre as armas, e não se detêm.

«Pulam sobre a cidade, correm pelos muros; sobem nas casas; entram pelas janelas como o ladrão. Diante deles a terra se abala; tremem os céus; o sol e a lua escurecem, e as estrelas retiram o seu resplendor. E o Senhor levanta a sua voz diante do seu exército, porque muito grande é o seu arraial; e poderoso é quem executa a sua ordem; pois o dia do Senhor é grande e muito terrível, e quem o poderá suportar?» (Joel 2:1-11).

«Tocai a trombeta em Sião, santificai um jejum, convocai uma assembléia solene; congregai o povo, santificai a congregação, ajuntai os anciãos, congregai os meninos, e as crianças de peito; saia o noivo da sua recâmara e a noiva do seu tálamo. Chorem os sacerdotes, ministros do Senhor, entre o alpendre e o altar, e digam: Poupa a teu povo, ó Senhor, e não entregues a tua herança ao opróbrio, para que as nações façam escárnio dele. Por que diriam entre os povos: Onde está o seu Deus? Então o Senhor teve zelo da sua terra, e se compadeceu do seu povo. E o Senhor, respondendo, disse ao seu povo: Eis que vos envio o trigo, o vinho e o azeite, e deles sereis fartos; e vos não entregarei mais ao opróbrio entre as nações; e removerei para longe de vós o exército do Norte, e o lançarei para uma terra seca e deserta, a sua frente para o mar oriental, e a sua retaguarda para o mar ocidental; subirá o seu mau cheiro, e subirá o seu fedor, porque ele tem feito grandes coisas. Não temas, ó terra; regozija-te e

alegra-te, porque o Senhor tem feito grandes coisas. Não temais, animais do campo; porque os pastos do deserto já reverdecem, porque a àrvore dá o seu fruto, e a vide e a figueira dão sua força.

«Alegrai-vos, pois, filhos de Sião, e regozijai-vos no Senhor vosso Deus; porque ele vos dá em justa medida a chuva temporã, e faz descer abundante chuva, a temporã e a serôdia, como dantes. E as eiras se encherão de trigo, e os lagares trasbordarão de mosto e de azeite. Assim vos restituirei os anos que foram consumidos pela locusta voadora, a devoradora, a destruidora e a cortadora, o meu grande exército que enviei contra vós. Comereis abundantemente e vos fartareis, e louvareis o nome do Senhor vosso Deus, que procedeu para convosco maravilhosamente; e o meu povo nunca será envergonhado...

«E há de ser que todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo; pois no monte Sião e em Jerusalém estarão os que escaparem, como disse o Senhor, e entre os sobreviventes aqueles que o Senhor chamar» (Joel 2:15-27, 32).

Há promessas maravilhosas, no que concerne ao radiante futuro do povo de Israel, mas os seus rancorosos inimigos não têm olhos para ver. Lemos: «Mas no Senhor será justificada e se gloriará toda a descendência de Israel» (Is. 45:25).

Sião é, para o Senhor, a cidade onde se concentra o seu grande amor. Lemos, como demonstração do seu cuidado, estas palavras fascinantes: «Por amor de Sião não me calarei, e por amor de Jerusalém não descansarei, até que saia a sua justiça como um resplendor, e a sua salvação como uma tocha acesa. E as nações verão a tua

justiça, e todos os reis a tua glória; e chamar-te-ão por um nome novo, que a boca do Senhor designará. Também serás uma coroa de adorno na mão do Senhor, um diadema real na mão do teu Deus» (Is. 62:1-3).

O apóstolo Paulo, arrebatado pela esperança da salvação do seu povo, assim se expressa: «Virá de Sião o Libertador, e desviará de Jacó as impiedades; e este será o meu pacto com eles, quando eu tirar os seus pecados. Quanto ao evangelho, eles, na verdade, são inimigos por causa de vós; mas, quanto à eleição, amados por causa dos pais. Porque os dons e a vocação de Deus são irretratáveis» (Rom. 11:26-29).

Em seguida o Apóstolo, com um cântico de triunfo — hino de adoração — exclama: «Ó profundidade das riquezas, tanto da sabedoria, como da ciência de Deus! Quão insondáveis são os seus juízos, e quão inescrutáveis os seus caminhos!» (Rom. 11:33).



SIÃO CENTRO DE ATRAÇÃO UNIVERSAL

Levantando as cortinas do futuro, o profeta Miquéias, inspirado pelo Espírito Santo, numa visão panorâmica, contempla um quadro inspirador e fascinante das nações unidas (não a **ONU**) sob o pálio do Príncipe da Paz, nosso Senhor Jesus Cristo, em sua segunda vinda em majestade e glória com os seus santos, para restaurar o mundo em decadência. De Sião — a Cidade de Davi, restaurada em todo o seu esplendor — o Senhor reinará sobre todos os povos restantes da tremenda hecatombe — a batalha de Armagedom.

Queremos que o Senhor mesmo fale. Os trechos sagrados, que transcrevemos para estas humildes páginas, relacionados com os acontecimentos que se estão desenrolando no cenário humano, são quase desconhecidos da maioria dos leitores da Bíblia Sagrada. Reunidos, como o fazemos, além de inspirados como o são, inspiram aos que os lerem com devoção e interesse.

O profeta Miquéias começou o seu ministério cerca de 750 anos antes de Cristo, sendo suas profecias consideradas mui importantes e as mais compreensivas e concernentes ao caráter do Mes-

sias de Israel, e as bênçãos do seu prometido Reino. Certamente, são das mais notáveis profecias messiânicas. Através desta profecia, os doutores judeus informaram ao rei Herodes e aos magos «onde deveria nascer o Messias» (Mat. 2:4-6).

Notemos então o que Miquéias nos diz sobre a afluência dos povos a SIÃO — a futura cidade cosmopolita.

«Mas nos últimos dias acontecerá que o monte da casa do Senhor será estabelecido como o mais alto dos montes, e se exalçará sobre os outeiros, e a ele concorrerão os povos. E irão muitas nações, e dirão: Vinde, e subamos ao monte do Senhor, e à casa do Deus de Jacó, para que nos ensine os seus caminhos, de sorte que andemos nas suas veredas; porque de Sião sairá a lei, e de Jerusalém a palavra do Senhor.

«E julgará entre muitos povos, e arbitrará entre as nações poderosas e longíquas; e converterão as suas espadas em relhas de arado, e as suas lanças em podadeiras; uma nação não levantará a espada contra outra nação, nem aprenderão mais a guerra. Mas assentar-se-á cada um debaixo da sua videira, e debaixo da sua figueira, e não haverá quem os espante, porque a boca do Senhor dos exércitos o disse.

«Pois todos os povos andam cada um em nome do seu deus; mas nós andaremos para todo o sempre em o nome do Senhor nosso Deus. Naquele dia, diz o Senhor, congregarei a que coxeava, e recolherei a que tinha sido expulsa, e a que eu afligi. E da que coxeava farei um resto, e da que tinha sido arrojada para longe, uma nação

poderosa; e o Senhor reinará sobre eles no monte Sião, desde agora e para sempre.

«E a ti, ó torre do rebanho, outeiro da filha de Sião, a ti virá, sim, a ti virá o primeiro domínio, o reino da filha de Jerusalém. E agora, por que fazes tão grande pranto? Não há em ti rei? Pereceu o teu conselheiro, de modo que se apoderaram de ti dores, como da que está de parto? Sofre dores e trabalha, ó filha de Sião, como a que está de parto; porque agora sairás da cidade, e morarás no campo, e virás até Babilônia. Ali, porém, serás livrada; ali te remirá o Senhor da mão de teus inimigos.

«Agora se congregaram muitas nações contra ti, que dizem: Seja ela profanada, e vejam os nossos olhos o seu desejo sobre Sião. Mas não sabem os pensamentos do Senhor, nem entendem o seu conselho; porque as ajuntou como gavelas para dentro da eira. Levanta-te, e debulha, ó filha de Sião, porque eu farei de ferro o teu chifre, e de bronze as tuas unhas; e esmiuçarás a muitos povos; e dedicarás o seu ganho ao Senhor, e os seus bens ao Senhor de toda a terra» (Miq. 4).

Nesse tempo — somente nesse tempo — o ódio contra Israel, que envenena as nações, será transformado num espírito de paz e compreensão, e haverá espaço na terra para que as nações se multipliquem, prosperem e possam viver em paz. Mas o pecado que domina o coração humano, produzindo o ódio e a ambição, o espírito de superioridade e de domínio precisa de ser erradicado totalmente. No entanto, isto não poderá resultar de «tratados e conchavos» entre grupos dominantes, mas por uma transformação, não por

processos humanos, mas, sim, divinos, quando os corações forem regenerados e salvos pela obra redentora do Calvário, pela aceitação de nosso Senhor Jesus Cristo como Salvador pessoal.

Somente Deus pode transformar o coração humano, sempre inclinado para o mal. O Senhor o prometeu aos filhos de Israel, como o faz a todos os povos, visto que quer que todos sejam salvos. «Também vos darei um coração novo, e porei dentro de vós um espírito novo; e tirarei da vossa carne o coração de pedra, e vos darei um coração de carne. Ainda porei dentro de vós o meu Espírito, e farei que andeis nos meus estatutos, e guardeis as minhas ordenanças, e as observeis» (Ez. 36:26,27).

No entanto, ele só age com o consentimento de cada ser humano, pois que respeita o livre arbítrio de que dotou suas criaturas racionais.

TRISTE FIM DOS QUE ABORRECEM A SIÃO

É ainda a Bíblia Sagrada, a Santa Palavra de Deus, que faz solene advertência: «Sejam envergonhados e repelidos para trás todos os que odeiam a Sião. Sejam como a erva dos telhados, que seca antes de florescer; com a qual o segador não enche a mão, nem o regaço o que ata os feixes» (Salmos 129:5-7). Assim os que aborrecem a Sião serão envergonhados e repelidos por se acharem em luta aberta contra o Senhor, o Rei de Sião.

Multiplicam-se as advertências na Palavra de Deus — solene aviso aos que aborrecem a Sião, e ao mesmo tempo ao Ungido de Deus. Leiamos

mais as seguintes palavras: «Por que se amotinam as nações? e os povos tramam em vão? Os reis da terra se levantam, e o príncipes juntos conspiram contra o Senhor e contra o seu ungido, dizendo: Rompamos as suas ataduras, e sacudamos de nós as suas cordas. Aquele que está sentado nos céus se rirá; o Senhor zombará deles. Então lhes falará na sua ira, e no seu furor os confundirá, dizendo: Eu tenho estabelecido o meu Rei sobre Sião, meu santo monte» (Salmos 2:1-6 e ss.). O Senhor zela pela integridade de Sião, e quantos se levantarem contra ela sofrerão inelutáveis conseqüências de sua atitude. «Não vos enganeis; Deus não se deixa escarnecer; pois tudo o que o homem semear, isso também ceifará» (Gál. 6:7). Convém pensar duas vezes antes de agir!



SIÃO CIDADE DE BÊNÇÃOS PERMANENTES

Deus, em chamando Abraão de Ur dos Caldeus, no seu divino propósito, escolheu, dentre a raça humana pecadora, uma única família, um só povo, que deveria surgir dela para ser o Oráculo e conservador da verdade antiga, e em tal povo cumprir a promerra feita aos nossos pais, após o desastre do Éden. Como disse certo cristão, «não foi uma presunção orgulhosa, mas a própria expressão da realidade, quando este povo se considerou e se designou como o **povo de Deus.** Porque é com esta raça, com este povo, que Deus entrou numa relação particular com ele, e que transplantou sua verdade, firmando-a como num rochedo inabalável no meio do Oceano encapelado das nações da terra.

É nesta nação única que preparou o terreno em que devia realizar-se a história da Revelação. A verdade, a religião, a Revelação concentraram-se neste único povo, e, assim como todas as religiões do mundo eram religiões nacionais, da mesma maneira também a verdadeira religião, a da Revelação, foi a causa de um povo para vir a ser, por ele, a causa da humanidade. A fé de ter

uma significação para toda a humanidade, esta esperança do futuro foi a alma deste povo e de sua vida social. O particularismo judaico tinha em si o gérmen do universalismo, que chegou ao seu último desenvolvimento no Senhor Jesus Cristo e no cristianismo. E é nisso que consiste a missão de Israel. Escolhendo Abraão, o Senhor não só prometeu abençoá-lo, e a toda a sua descendência; e acrescentou Deus: «**... e tu serás uma bênção**» (Gên. 12:1-3).

E, apesar de todas as deficiências humanas, de todos os seus desacertos e de sua desobediência aos preceitos divinos, Israel tem sido uma bênção para o mundo, não importando seja isto negado por seus rancorosos inimigos. Embora perseguido e odiado por muitas nações, o povo de Israel está destinado a abençoar o mundo inteiro, quando o seu Príncipe da Paz — o Senhor Jesus Cristo — estiver habitando a Cidade de Sião. Sabemos que o princípio divino domina o mundo dos espíritos. Apesar de a matéria resistir-lhe com furor e hostilidade, a verdade sairá sempre vencedora.

Reina um sentimento de unidade humana no seio dos povos, e quaisquer que sejam os obstáculos com que a maldade humana tente impedi-la, o termo da história, finalmente, será a reunião de todos os povos numa grande família humana. «A história atual é a das nacionalidades, mas o seu futuro é o cosmopolitismo. Podemos dizer que este é o próprio pensamento de Deus e o fim dos seus caminhos para com a humanidade... Se o pensamento divino governa a marcha da história, é aqui mais que em qualquer parte que o podemos

reconhecer.» Domina hoje o mundo em que vivemos um sincretismo confuso e nebuloso tanto em matéria religiosa como política, e, apesar do avanço das comunicações, os homens atualmente pouco se entendem, quando podiam viver em paz. E este lamentável e triste estado de cousas se verifica no maior **Forum** da humanidade — a **Organização das Nações Unidas**, assim denominada por **eufemismo.**

NOVA AURORA VAI RAIAR PARA A HUMANIDADE

O profeta Isaías, contemplando o futuro deslumbrante de Sião, descreve, em linguagem viva, a felicidade e as glórias futuras da Cidade de Deus: «O deserto e a terra sedenta se regozijarão; e o ermo exultará e florescerá; como o narciso florescerá abundantemente, e também exultará de júbilo e romperá em cânticos; dar-se-lhe-á a glória do Líbano, excelência do Carmelo e Sarom; eles verão a glória do Senhor, a majestade do nosso Deus.

«Fortalecei as mãos fracas, e firmai os joelhos trementes. Dizei aos turbados de coração: Sede fortes, não temais; eis o vosso Deus! Com vingança virá, sim, com a recompensa de Deus; ele virá, e vos salvará. Então os olhos dos cegos serão abertos, e os ouvidos dos surdos se desimpedirão. Então o coxo saltará como o cervo, e a língua do mudo cantará de alegria; porque águas arrebentarão no deserto e ribeiros no ermo. E a miragem tornar-se-á em lago, e a terra sedenta em mananciais de águas; e nas habitações em que jaziam os chacais haverá erva com canas e juncos.

E ali haverá uma estrada, um caminho que se chamará o caminho santo; o imundo não passará por ele, mas será para os remidos. Os caminhantes, até mesmo os loucos, nele não errarão.

«Ali não haverá leão, nem animal feroz subirá por ele, nem se achará nele; mas os remidos andarão por ele. E os resgatados do Senhor voltarão; e virão a Sião com júbilo, e alegria; gozo e alegria alcançarão, e deles fugirá a tristeza e o gemido» (Is. 35). E ainda: «Ouvi-me vós, os que seguis a justiça, os que buscais ao Senhor; olhai para a rocha donde fostes cortados, e para a caverna do poço donde fostes cavados. Olhai para Abraão, vosso pai, e para Sara, que vos deu à luz; porque ainda quando ele era um só, eu o chamei, e o abençoei e o multipliquei.

«Porque o Senhor consolará a Sião: consolará a todos os seus lugares assolados, e fará o seu deserto como o Éden, e a sua solidão como o jardim do Senhor; gozo e alegria se acharão nela, ação de graças, e voz de cântico. Atendei-me, povo meu, e nação minha, inclinai os ouvidos para mim; porque de mim sairá a lei, e estabelecerei a minha justiça como luz dos povos. Perto está a minha justiça, vem saindo a minha salvação, e os meus braços governarão os povos; as ilhas me aguardam, e no meu braço esperam. Levantai os vossos olhos para os céus e olhai para a terra em baixo; porque os céus desaparecerão como a fumaça, e a terra se envelhecerá como um vestido; e os seus moradores morrerão semelhantemente; a minha salvação, porém, durará para sempre, e a minha justiça não será abolida.

«Ouvi-me, vós que conheceis a justiça, vós,

povos, em cujo coração está a minha lei; não temais o opróbrio dos homens, nem vos turbeis pelas suas injúrias. Pois a traça os roerá como a um vestido, e o bicho os comerá como à lã; a minha justiça, porém, durará para sempre, e a minha salvação para todas as gerações. Desperta, desperta, veste-te de força, ó braço do Senhor; desperta como nos dias da antiguidade, como nas gerações antigas. Porventura não és tu aquele que cortou em pedaços a Raabe, e traspassou ao dragão? Não és tu aquele que secou o mar, as águas do grande abismo? o que fez do fundo do mar um caminho, para que por ele passassem os remidos? Assim voltarão os resgatados do Senhor, e virão com júbilo a Sião; e haverá perpétua alegria sobre as suas cabeças; gozo e alegria alcançarão, a tristeza e o gemido fugirão. Eu, eu sou aquele que vos consola; quem, pois, és tu, para teres medo dum homem, que é mortal, ou do filho do homem, que se tornará como feno?...» (Is. 51:1-12).

SIÃO REVESTIDA DE FORTALEZA

É ainda o mesmo profeta, sob a inspiração do Espírito Santo, que nos apresenta outro quadro, em cores vivas, das glórias futuras de Sião. E como nos deleitamos, extasiados de como o Senhor vai abençoar o seu povo sofredor, despertando-o para estar atento, aguardando o futuro que, parece, não está distante: «Desperta, desperta, veste-te da tua fortaleza, ó Sião; veste-te dos teus vestidos formosos, ó Jerusalém, cidade santa; porque nunca mais entrará em ti nem incircunciso nem imundo.

Sacode-te do pó; levanta-te, e assenta-te, ó Jerusalém; solta-te das ataduras de teu pescoço, ó cativa filha de Sião. Porque assim diz o Senhor: Por nada fostes vendidos; e sem dinheiro sereis resgatados» (Is. 52:1-3).

Expõem-se a grande perigo aqueles que temerariamente se levantam contra Sião, e contra o povo de Deus, pois o Senhor mesmo declara: «...todos os que contenderem contigo, por causa de ti cairão» (Is. 54:15b). A história vem confirmando esta solene verdade: ainda não surgiu nação na terra contra o povo de Israel que não tenha recebido o devido castigo. Que de Assíria, Babilônia e os grandes impérios do passado? Em nossos dias vimos os tristes exemplos da Alemanha e da Itália. E todos os que hoje estão se levantando contra Israel cairão inevitavelmente, pois assim diz o Senhor.

Muitos hoje não admitem a idéia de que Israel seja o povo eleito, e acham que esta idéia, teologicamente anacrônica, dispensa qualquer atenção e não tem sentido. Mas estamos absolutamente seguros de que os fatos proféticos estão se cumprindo fielmente. As gerações atuais ficarão estarrecidas diante dos acontecimentos que se vão desenrolar no cenário humano. Não somos profeta nem filho de profeta, mas o estudo contínuo da Bíblia Sagrada já durante sessenta anos nos oferece estas conclusões, que cremos verdadeiras.

O Senhor ainda adverte: «**...aquele que tocar em vós toca na menina do seu olho**» (Zac. 2:8b). Os reinos perecem, os tronos desmoronam-se, as nações desaparecem da história, porém, mais

firmes do que os montes eternos, as Palavras do Senhor Jesus Cristo vivem, e vivem sempre, porque não podem morrer, pois contêm o imorredouro Espírito de Deus. E mais ainda: «Porque a palavra de Deus é viva e eficaz, e mais cortante do que qualquer espada de dois gumes, e penetra até a divisão de alma e espírito, e de juntas e medulas, e é apta para discernir os pensamentos e intenções do coração» (Heb. 4:12).

E esta Palavra infalível — a Palavra de Deus — oferece-nos o roteiro seguro, através da história e das profecias, que estão se tornando história, para que vejamos, nos acontecimentos mundiais, o cumprimento dos propósitos divinos em conexão com o seu povo de Israel.

Infelizmente, vivemos num mundo dominado pela incredulidade em relação ao sobrenatural — mundo materializado, sem o temor de Deus no coração, que é o princípio da sabedoria, no dizer do sábio Salomão, rei de Israel.



SIÃO FIRMADA SOBRE A ROCHA INABALÁVEL

Nas suas jornadas pelo deserto, quando de sua libertação do Egito, os filhos de Israel «acamparam-se em Refidim; e não havia ali água para beber. Então o povo contendeu com Moisés, dizendo: Dá-nos água para beber. Respondeu-lhes Moisés: Porque contendeis comigo? por que tentais ao Senhor?

«Mas o povo, tendo sede ali, murmurou contra Moisés, dizendo: Por que nos fizeste subir do Egito, para nos matares de sede, a nós e nossos filhos, e ao nosso gado? Pelo que Moisés, clamando ao Senhor, disse: Que hei de fazer a este povo? daqui a pouco me apedrejará. Então disse o Senhor a Moisés: Passa adiante do povo, e leva contigo alguns dos anciãos de Israel; toma na mão a tua vara, com que feriste o rio, e vai-te. Eis que eu estarei ali diante de ti sobre a rocha, em Horebe; ferirás a rocha, e dela sairá água para que o povo possa beber. Assim, pois, fez Moisés à vista dos anciãos de Israel. E deu ao lugar o nome de Massá e Meribá, por causa da contenda dos filhos de Israel, e porque tentaram ao Senhor, dizendo: Está o Senhor no meio de nós, ou não?» (Êx. 17:1-7).

Da ROCHA ferida brotaram águas em verdadeiras catadupas, e a multidão sedenta com os seus rebanhos saciaram sua sede. Os salmistas narram o fato nestes termos: «Fendeu rochas no deserto, e deu-lhes de beber abundantemente como de grandes abismos. Da penha fez sair fontes, e fez correr águas como rios. Todavia, ainda prosseguiram em pecar contra ele, rebelando-se contra o Altíssimo no deserto» (Salmos 78:15-17). E ainda: «Fendeu a rocha, e dela brotaram águas, que correram pelos lugares áridos como um rio» (Salmos 105:41).

Referindo-se a este fato histórico, o apóstolo Paulo, depois de mostrar como o Senhor cuidou do seu povo no deserto, dando-lhes do manjar do céu, afirma: «...e todos comeram do mesmo alimento espiritual; e beberam todos da mesma bebida espiritual, porque bebiam da pedra espiritual que os acompanhava; e a pedra era Cristo» (I Cor. 10:3,4).

Os filhos de Israel prosseguiram em sua jornada pelo deserto até que chegaram a Meribá. «Ora, não havia água para a congregação; pelo que se ajuntaram contra Moisés e Arão. E o povo contendeu com Moisés, dizendo: Oxalá tivéssemos perecido quando pereceram nossos irmãos perante o Senhor!» (Núm. 20:2,3). Diante da contenda e murmuração, «então Moisés e Arão se foram da presença da assembléia até a porta da tenda da revelação, e se lançaram com o rosto em terra; e a glória do Senhor lhes apareceu. E o Senhor disse a Moisés: Toma a vara, e ajunta a congregação, tu e Arão, teu irmão, e falai à rocha perante os seus olhos, que ela dê as suas águas. Assim lhes

tirarás água da rocha, e darás a beber à congregação e aos seus animais» (Núm. 20:6-8).

Irritaram tanto a Moisés, que este, apesar de ser o homem mais manso da terra, ficou transtornado, e, ao invés de **falar** à rocha, como Senhor lhe ordenara, na sua precipitação, **feriu** a rocha duas vezes seguidas, «e saiu água copiosamente, e a congregação bebeu, e seus animais. Pelo que o Senhor disse a Moisés e a Arão: Porquanto não me crestes a mim, para me santificardes diante dos filhos de Israel; por isso não introduzireis esta congregação na terra que lhes dei» (Núm. 20:11,12).

Qual foi o erro de Moisés? Ele devia **falar** à rocha e não **feri-la** duas vezes, como o fez. Como afirmou o apóstolo Paulo, a ROCHA era Cristo. E ele foi ferido uma só vez, para tirar os pecados do mundo, e não podia, nem pode, ser ferido segunda vez. O seu sacrifício no Calvário não pode ser repetido nem cruenta nem incruentamente. Os sacerdotes terrenos tinham de oferecer sacrifícios diariamente, por si mesmos e pelo povo, «este (Jesus), no entanto, porque continua para sempre, tem o seu sacerdócio imutável. Por isso também pode salvar totalmente os que por ele se chegam a Deus, vivendo sempre para interceder por eles. Com efeito, nos convinha um sumo sacerdote, assim como este, santo, inocente, imaculado, separado dos pecadores e feito mais sublime do que os céus; que não necessitasse, como os sumos sacerdotes, de oferecer cada dia sacrifícios, primeiramente por seus próprios pecados, e depois pelos do povo; porque isto FEZ

ELE, UMA VEZ, oferecendo-se a si mesmo» (Heb. 7:24-27).

CRISTO — A PEDRA VIVA

O apóstolo Pedro reconhece que nosso Senhor Jesus Cristo é tanto o fundamento — Pedra Fundamental — da Igreja Cristã como, simbolicamente, de Sião, onde ele restaurará o trono de Davi, caído há milênios, e reinará por toda a eternidade. Eis o que nos diz o Apóstolo: «...e, chegando-vos para ele, pedra viva, rejeitada, na verdade, pelos homens, mas para com Deus eleita e preciosa, vós também, quais pedras vivas, sois edificados como casa espiritual para serdes sacerdócio santo, a fim de oferecerdes sacrifícios espirituais, aceitáveis a Deus por Jesus Cristo. Por isso, na Escritura se diz: Eis que ponho em Sião uma principal pedra angular, eleita e preciosa; e quem nela crer não será confundido» (I Ped. 2:4-6).

O Rev. Prof. Jerônimo Gueiros, de saudosa memória, escreveu sobre esta Pedra — a ROCHA IMUTÁVEL, Cristo Jesus — as seguintes palavras, que transportamos, por atuais e apropriadas, para esta página: «No Velho Testamento, o Messias é anunciado como ' a **pedra** lançada nos fundamentos de Sião' (Isaías 28:16) ou como a **pedra** destacada dum monte para destruir a estátua: A pedra que os edificadores rejeitaram, essa foi posta como pedra angular (Salmos 118:22).»

E prossegue o Prof. Gueiros: «Não é para admirar que Cristo, a **rocha** tantas vezes mencionada nas metáforas da revelação divina, Cristo,

que a si mesmo se havia referido, na 3ª pessoa, como a **pedra** rejeitada pelos judeus, dissesse, em sua linguagem profundamente metafórica e original, referindo-se outra vez a si mesmo» (falando a Pedro): «sobre **esta pedra** edificarei a minha igreja — para significar a grande verdade básica da Escritura de que no Rochedo inabalável de sua Divindade seria firmada a Igreja, que teria de resistir aos poderes infernais.»

Isaías — o profeta do Senhor — descreve esta Pedra de maneira fascinante: «Portanto, assim diz o Senhor Deus: Eis que ponho em Sião como alicerce uma pedra, uma pedra provada, pedra preciosa de esquina, de firme fundamento; aquele que crer não se apressará» (Is. 28:16).

As Sagradas Escrituras mostram com clareza meridiana que a Pedra é, sem a menor dúvida, o Senhor Jesus Cristo. Firmemo-nos, pois, nele.

E ainda a respeito da **pedra** o Senhor Jesus Cristo assim se pronunciou, citando o Salmo 118: «Nunca lestes nas Escrituras: A pedra que os edificadores rejeitaram, essa foi posta como pedra angular; pelo Senhor foi feito isso, e é maravilhoso aos nossos olhos?» (Mat. 21:42).

Há entre a PEDRA VIVA e a pedra principal de Sião verdadeiro simbolismo e perfeita identidade — o Messias Jesus e a Cidade de Sião.

A PEDRA — SEU SIMBOLISMO E PODER

O profeta Daniel, interpretando o sonho do rei Nabucodonozor sobre a enorme estátua, afirma que ela «representa as grandes potências que vêm dominando o mundo durante os tempos dos gen-

tios. Para um desses imperadores dos gentios, o primeiro deles, o domínio do mundo, então nas suas mãos, tinha a arte e o esplendor de uma rica e grandiosa estátua: era o monumento de sua força e do seu gênio vencedor e dominador. Quatro tinham de ser as potências mundiais que haviam de dominar os povos, uma após outra.» Babilônia, representada na cabeça de ouro. Daniel fala ao rei, dizendo-lhe: «**Tu és a cabeça de ouro.**» O reino medo-persa vem em segundo lugar, e assim se expressa Daniel: «Depois de ti se levantará outro reino, inferior ao teu (este reino estava representado pelo peito e os braços de prata); o greco-macedônico, tendo «o ventre e os quadris de bronze», inferior aos dois primeiros; e por fim Roma, com as pernas de ferro, «os pés em parte de ferro, e em parte de barro», representando o poder do ferro. Este quarto império foi cedo dividido em dois, representados nas duas pernas da estátua (Daniel 2 deve ser lido).

Os quatro grandes impérios representados pela estátua desapareceram do cenário das nações, dividindo-se e subdividindo-se. Mas não foram destruídos pela pedra que desceu da montanha, que ainda descerá, enchendo a terra. Alguém perguntará. «A pedra já bateu na estátua? Todos concordam que a «Pedra é Cristo»; mas Cristo nos ensina, pela Parábola dos Lavradores Maus, que, em sua primeira vinda, ele seria lançado fora da vinha e morto, e que só depois é que tomaria a vinha, para dá-la a outros. Só então é que introduz a figura da **pedra**, dando-lhe três aplicações distintas —

1) Para os judeus, que o rejeitaram na sua

humilhação, ele foi a **pedra de escândalo,** em que tropeçaram e caíram, machucando-se.

2) Para a Igreja, constituída dos que nele agora crêem, ele se **tornou a pedra fundamental e angular.**

3) Para as potências do mundo, ele será a pedra atirada do monte, sem intervenção de mãos humanas, que lhes cai em cima e as reduz a pó (Mat. 21:33-44). Não se trata de um processo de pregação e conservação, mas de um choque violento de destruição. Daniel sabia que estava no tempo da cabeça de ouro da estátua; e nós, agora, em que altura estamos?

«Dir-se-á que já se acabou o Império Romano, de modo que a estátua já não existe. Mas, visto que ainda não existiu esse império sob a forma de dez reinos correspondentes aos dez dedos nem a **pedra** bateu nele até agora para o destruir, ele existe ainda de algum modo. O amado João nos transmite a chave desse enigma em palavras um tanto paradoxais, quando esse mesmo império lhe foi mostrado sob outra figura — a de uma fera, sobre a qual uma mulher está montada. A frase é esta: 'A besta que viste era e já não é; todavia, está para subir do abismo' (Apoc. 17:8). As grandes e insolúveis divergências políticas no seio das nações, que já deram origem à Liga das Nações e depois à Organização das Nações Unidas e levam atualmente a congitar-se da formação dos Estados Unidos da Europa, fazem crer que estamos nas vésperas do aparecimento da última fase desse império sob a forma confederada dos dez dedos da estátua» (Dr. A. Almeida).

Em sua interpretação do sonho do rei Nabudo-

nozor, Daniel mostra-lhe o que devia acontecer à estátua: «Estavas vendo isto, quando uma pedra foi cortada, sem auxílio de mãos, a qual feriu a estátua nos pés de ferro e de barro, e os esmiuçou. Então foi juntamente esmiuçado o ferro, o barro, o bronze, a prata e ouro, os quais se fizeram como a pragana das eiras no estio, e o vento os levou, e não se podia achar nenhum vestígio deles; a pedra, porém, que feriu a estátua se tornou uma grande montanha, e encheu toda a terra» (Dan. 2:34,35).

O espírito de conquistar o mundo, formando um império mundial, era o que aspiravam os representantes dos quatro impérios representados na estátua do sonho do rei Nabucodonozor. A idéia de nacionalidade fora substituída pela de universalismo, embora fosse este o pensamento de Deus e o fim de seu propósito no trato com a humanidade. Nunca, porém, como imaginaram os poderosos dominadores do passado, os reis dos quatro impérios que a estátua, totalmente destruída pela pedra que rolou da montanha, representava. «A idéia de um domínio universal forma desde então o poderoso motor da história, e, ainda que os numerosos ensaios para a realizar se tenham malogrado sucessivamente, tem-se sempre voltado a ela para atingir, por novos meios, o que se não tinha podido conseguir pelos esforços precedentes...

«Foi **Nabucodonozor** quem destruiu a nacionalidade judaica, pelo cativeiro babilônico, cumprindo, assim, o juízo com que Deus tinha por muito tempo ameaçado o seu povo. Foi, de outro lado, **Ciro** quem, permitindo a volta dos israelenses e a reconstrução da cidade e do templo de Jerusalém, restituiu à sua nacionalidade a forma e a existência

humildes em que ele devia ver o cumprimento de suas velhas esperanças. Nas duas épocas o contato do povo da promessa com o mundo pagão serviu para transplantar certas verdades de seu conhecimento religioso e de suas aspirações e esperanças na terra pagã, e para desempenhar, assim, junto dos gentios, sua missão profética para preparar de antemão a realização das promessas divinas.

«Os outros dois impérios — o de Alexandre, o Grande, e o dos romanos — como já vimos, têm íntima relação com a entrada do cristianismo no mundo. Foi o pensamento de **Alexandre**, desde que ele conquistou, como a vôo, seu imenso império, e desde o primeiro assalto dado ao antigo baluarte dos reinos asiáticos, fundar seu domínio, que se estendia das montanhas da Macedônia até os rios da Índia, e que compreendia os povos mais diversos, sobre a base comum da língua e da cultura gregas. Por isso, quando esta vasta monarquia caiu, com a morte de Alexandre, os diferentes reinos que dela surgiram e a civilização grega de seus governos serviram apenas para continuar a obra de Alexandre, trazendo uma fusão completa da cultura oriental com a cultura e a língua gregas. Esta unidade de língua e de cultura, criada desde então para o mundo civilizado dessa época inteira, devia formar, segundo o conselho de Deus, a base intelectual da pregação e da extensão do cristianismo, que foi anunciado em língua grega a esses povos tão diversos. Se o pensamento governa a marcha da história, é aqui mais que em nenhuma parte que o podemos reconhecer.

«Mas todos os reinos e Estados particulares que saíram do vasto império de Alexandre foram

incorporados no **Império Romano**, e, desta maneira, o Ocidente tomou parte na grande marcha da história. O que o império de Alexandre tinha preparado nos espíritos, realizou-o sob uma forma exterior o Império Romano» (**C.E. Luthardt**).

A idéia de domínio universal não pereceu com o desaparecimento dos quatro grandes impérios mundiais mencionados. Ela continua, ora um tanto apagada, avivando-se em seguida. Em nossos dias, ela tem tomado formas diversas com o aparecimento de ditadores como Mussolini, Hitler e Stalin. Os dois primeiros logo desapareceram com a criação dos seus gênios, ruindo por terra suas ambições e seus impérios. O terceiro morreu, mas o colosso soviético, com desmedida ambição, está tentando dominar o mundo, e vencer o seu rival, a China comunista. O expansionismo soviético se estende hoje por todos os continentes, com a complacência das Nações Unidas.

Antes, porém, que tal domínio universal se concretize e se firme, a **Pedra**, que rolará da montanha sem auxílio de mãos humanas, destruirá a gigantesca estátua, que se está formando com tantas demonstrações de força brutal, fazendo-a, como diz Daniel: «como palha das eiras no estio» levada pelos ventos, «e a pedra que feriu a estátua se tornou em grande montanha, que encheu a terra» (Dan. 2:34,35). E esta «grande montanha», que se estenderá por toda a terra, é um símbolo do Reino Milenário do Senhor Jesus, quando «os reinos do mundo vierem a ser de nosso Senhor e do seu Cristo, e ele reinará para todo o sempre» (Apoc. 11:15).

No próximo capítulo focalizaremos este assunto

amplamente, com a ajuda do Senhor e para sua glória.

SIÃO A CIDADE DO DEUS VIVO



As Sagradas Escrituras descrevem de modo fascinante a Cidade de Sião como sendo a Cidade do Deus Vivo — a Cidade do Grande Rei Messias, o Senhor Jesus Cristo — cuja vinda em majestade e glória ele mesmo anunciou. No Salmo 48, Sião é descrita numa linguagem vibrante e encantadora, em que o Grande Rei é engrandecido e louvado, e aqui vamos transcrevê-lo, pois só assim poderá ser ele melhor apreciado e compreendido: «Grande é o Senhor e mui digno de ser louvado, na cidade do nosso Deus, no seu monte santo. De bela e alta situação, alegria de toda a terra é o monte Sião aos lados do norte, a cidade do grande Rei.

«Nos palácios dela Deus se fez conhecer como alto refúgio. Pois eis que os reis conspiraram; juntos vieram chegando. Viram-na, e então ficaram maravilhados; ficaram assombrados e se apressaram em fugir. Aí se apoderou deles o tremor, sentiram dores como as de uma parturiente. Como temos ouvido, assim vimos na cidade do Senhor

dos exércitos, na cidade do nosso Deus: Deus a estabelece para sempre.

«Temos meditado, ó Deus, na tua benignidade, no meio do teu templo. Como o teu nome, ó Deus, assim é o teu louvor até os confins da terra; de retidão está cheia a tua destra. Alegre-se o monte Sião, regozijem-se as filhas dos teus juízos. Dai voltas a Sião, ide ao redor dela; contai as suas torres. Notai bem os seus antemuros, percorrei os seus palácios, para que tudo narreis à geração seguinte. Porque este Deus é nosso Deus para todo o sempre; ele será nosso guia até a morte» (Salmos 48).

O escritor da Epístola aos Hebreus, num paralelismo admirável, faz uma analogia empolgante do que se passou no monte Sinai, quando o Senhor deu a Lei aos filhos de Israel. Assim Moisés narra o acontecimento: «Ao terceiro dia, ao amanhecer, houve trovões, relâmpagos, e uma nuvem espessa sobre o monte; e ouviu-se um sonido de buzina mui forte, de maneira que todo o povo que estava no arraial estremeceu. E Moisés levou o povo fora do arraial ao encontro de Deus; e puseram-se ao pé do monte. Nisso todo o monte Sinai fumegava, porque o Senhor descera sobre ele em fogo; e a fumaça subiu como a fumaça de uma fornalha, e todo o monte tremia fortemente. E, crescendo o sonido da buzina cada vez mais, Moisés falava, e Deus lhe respondia por uma voz» (Êxodo 19:16-19).

Vejamos agora o que nos diz a Epístola aos Hebreus: «Pois não tendes chegado ao monte palpável, aceso em fogo, e à escuridão, e às trevas, e à tempestade, e ao sonido da trombeta, e à voz das palavras, a qual os que a ouviram rogaram que não

se lhes falasse mais; porque não podiam suportar o que se lhes mandava: Se até um animal tocar o monte, será apedrejado. E tão terrível era a visão, que Moisés disse: Estou todo aterrorizado e trêmulo. Mas tendes chegado ao Monte Sião, e à cidade do Deus vivo, à Jerusalém celestial, a miríades de anjos; à universal assembléia e igreja dos primogênitos inscritos nos céus, e a Deus, o juiz de todos, e aos espíritos dos justos aperfeiçoados; e a Jesus, o mediador de um novo pacto, e ao sangue da aspersão, que fala melhor do que o de Abel.

«Vede que não rejeiteis ao que fala: porque, se não escaparam aqueles quando rejeitaram o que sobre a terra os advertia, muito menos escaparemos nós, se nos desviarmos daquele que nos adverte lá dos céus; a voz do qual abalou então a terra; mas agora tem ele prometido, dizendo: Ainda uma vez hei de abalar não só a terra, mas também o céu. Ora, esta palavra — Ainda uma vez — significa a remoção das coisas abaláveis, como coisas criadas, para que permaneçam as coisas inabaláveis. Pelo que, recebendo nós um reino que não pode ser abalado, retenhamos a graça, pela qual sirvamos a Deus agradavelmente, com reverência e temor; pois o nosso Deus é um fogo consumidor» (Heb. 12:18-29).

Mas, quando se dará tudo isto? Como já afirmamos certa vez e o repetimos aqui: Ninguém, absolutamente ninguém pode ser dogmático em assuntos escatológicos, tão cheios de simbolismos e metáforas. No entanto, podemos tirar conclusões racionais à luz de estudos comparados entre escritura e escritura, segundo os conhecimentos que delas tivermos. Os paralelismos bíblicos aju-

dam-nos a compreender vários passos bíblicos que, doutro modo, nunca entenderíamos. Muitos fatos narrados e preditos pelo profeta Daniel só podem ser entendidos à luz do Apocalipse através das várias analogias em ambos encontradas. Nossa preocupação em reunir e combinar diversos trechos bíblicos tem por objetivo ajudar o leitor a melhor entendê-los. E será para nós grande bênção se tal objetivo for alcançado. Nosso desejo é que Deus mesmo nos fale através dos seus inspirados escritores, pois a sua Palavra — a Bíblia Sagrada — é a verdade infalível.

Como mostramos em nosso último livro, cremos que, antes do arrebatamento da igreja triunfante — retirada do seio das igrejas militantes — dar-se-á a grande batalha de Gogue e Magogue, como registrada em Ezequiel, capítulos 38 e 39. O Senhor salvará o seu povo de Israel da destruição, e o abençoará materialmente. Nesse tempo Israel terá uma projeção internacional maravilhosa, usufruindo período de prosperidade como nunca, porém vivendo ainda na incredulidade. Nesse tempo, o falso profeta, ou seja, a segunda besta apocalíptica já estará se iniciando na direção da política de Israel, como um dos dez dedos dos pés da estátua, para, em seguida, firmar sua aliança com a primeira besta, que surgirá do mar (mar como símbolo das nações). Nesse tempo começará a grande tribulação ou o período denominado, por Jeremias, como «**o tempo de angústias** para Jacó; ele, porém, será livre dela» (Jeremias 30:7). Sobre o mesmo acontecimento, o profeta Daniel se expressa: «Naquele tempo se levantará Miguel, o grande príncipe, que se levanta a favor dos filhos do teu povo; e haverá um

tempo de tribulação, qual nunca houve, desde que existiu nação até aquele tempo; mas naquele tempo livrar-se-á o teu povo, todo aquele que for achado escrito no livro» (Dan. 12:1).

Será, pois, esse remanescente de Israel que reconhecerá em nosso Senhor Jesus o seu Messias, rejeitado até então, como seu Rei e Senhor. Isto se dará quando os inimigos de Israel forem esmagados na grande e terrível batalha de Armagedom, com a presença do Senhor Jesus no Monte das Oliveiras. Então o remanescente de Israel dirá ao Senhor, pranteando e chorando: «Bendito o que vem em nome do Senhor.»

E assim o Senhor Jesus, o Messias, será recebido na cidade do Deus vivo, para julgar os restantes das nações vivas da terra — será o julgamento das nações — quando o Senhor apartará os bodes das ovelhas (Mat. 25:31-46), lançará Satanás na prisão e estabelecerá o seu Reino Milenário. Será, em Sião, restaurado o trono de Davi. O Senhor mesmo afirma: «Voltarei para Sião, e habitarei no meio de Jerusalém; e Jerusalém chamar-se-á a cidade da verdade, e o monte do Senhor dos exércitos o monte santo.

«Assim diz o Senhor dos exércitos: Ainda nas praças de Jerusalém sentar-se-ão velhos e velhas, levando cada um na mão o seu cajado, por causa da sua muita idade. E as ruas da cidade se encherão de meninos e meninas, que nelas brincarão. Assim diz o Senhor dos exércitos: Se isto for maravilhoso aos olhos do resto deste povo naqueles dias, acaso será também maravilhoso aos meus olhos? diz o Senhor dos exércitos.

«Pois antes daqueles dias não havia salário para os homens, nem lhes davam ganho os animais; nem havia paz para o que saía nem para o que entrava, por causa do inimigo; porque eu incitei a todos os homens, cada um contra o seu próximo. Mas agora não me havereis para com o resto deste povo como nos dias passados, diz o Senhor dos exércitos; porquanto haverá a sementeira de paz; a vide dará o seu fruto, e a terra dará a sua novidade, e os céus darão o seu orvalho; e farei que o resto deste povo herde todas essas coisas. E há de suceder, ó casa de Judá, e ó casa de Israel, que, assim como éreis uma maldição entre as nações, assim vos salvarei, e sereis uma bênção; não temais, mas sejam fortes as vossas mãos.

«Assim diz o Senhor dos exércitos: Ainda sucederá que virão povos, e os habitantes de muitas cidades; e os habitantes de uma cidade irão à outra, dizendo: Vamos depressa suplicar o favor do Senhor, e buscar o Senhor dos exércitos; eu também irei. Assim virão muitos povos, e poderosas nações, buscar em Jerusalém o Senhor dos exércitos, e suplicar a bênção do Senhor. Assim diz o Senhor dos exércitos: Naquele dia sucederá que dez homens, de nações de todas as línguas, pegarão na orla das vestes de um judeu, dizendo: Iremos convosco, porque temos ouvido que Deus está convosco» (Zac. 8:3-6, 10-13, 20-23). «Naquele dia também acontecerá que correrão de Jerusalém águas vivas, metade delas para o mar oriental, e metade delas para o mar ocidental; no verão e no inverno sucederá isso. E o Senhor será rei sobre toda a terra; naquele dia um será o Senhor, um será o seu nome» (Zac. 14:8,9).

PRAGA CONTRA OS INIMIGOS DE JERUSALÉM

Triste, muitíssimo triste mesmo, será o destino dos inimigos de Deus e do seu povo. O profeta do Senhor apresenta-nos um quadro de estarrecer sobre a praga que atingirá cada um deles: «Esta será a praga com que o Senhor ferirá todos os povos que guerrearam contra Jerusalém: Apodrecer-se-á a sua carne, estando eles de pé, e se lhes apodrecerão os olhos nas suas órbitas, a língua se lhes apodrecerá na boca. Naquele dia também haverá da parte do senhor um grande tumulto entre eles; e pegará cada um na mão do seu próximo, e cada um levantará a mão contra o seu próximo. Também Judá pelejará contra Jerusalém; e se ajuntarão as riquezas de todas as nações circunvizinhas, ouro e prata, e vestidos em grande abundância. Como esta praga, assim será a praga dos cavalos, dos muares, dos camelos e dos jumentos, e de todos os animais que estiverem naqueles arraiais» (Zac. 14:12-15).

A IDÉIA DE UM DOMÍNIO UNIVERSAL

O profeta Daniel nos fala da sucessão de quatro diferentes **impérios no mundo**, consoante sua inspirada interpretação do sonho do rei de Babilônia, Nabucodonozor, sobre a grande estátua. Dos quatro grandes impérios, o último e mais poderoso deveria coincidir com o Reino do Messias e dos seus santos. Como mui sabiamente se expressou grande pensador cristão, «cedo o sentimento da comunidade universal dos homens, de um lado, o instinto do domínio do outro, tinham feito nascer o pensamento de unir sob um só poder, que abrangesse toda a

terra, os diferentes povos que a habitam. Vemos primeiramente o poderoso conquistador babilônico Nabucodonozor conceder este plano arrojado e orgulhoso: plano grandioso, e tanto mais grandioso porque naquela época os povos e os Estados muito pouco se conheciam. Este pensamento, porém, encerra profunda verdade; porque o sentimento de unidade humana está depositado na alma de todos os homens, e não podemos imaginar o termo da história senão na reunião da humanidade.

A idéia de um domínio universal forma desde então o poderoso motor da história, e, ainda que os numerosos ensaios se tenham sucessivamente malogrado, tem-se sempre voltado a ela para atingir por novos meios o que se não tinha podido obter por meios precedentes. Quatro grandes tentativas de realizar esta idéia se apresentam primeiramente às nossas considerações: o império babilônico, o medo-persa, o greco-macedônico e o romano, tendo à sua frente os grandes conquistadores Nabucodonozor, Ciro (Dario), Alexandre, o Grande, e César Augusto. O maior desses impérios foi o romano, que vai ressuscitar, após o arrebatamento da Igreja, mas, na sua ambição de domínio universal, será destruído na batalha de Armagedom, para dar lugar ao Reino eterno de nosso Senhor Jesus Cristo — o Rei de Sião!

O REINO DE JUSTIÇA, EQÜIDADE E PAZ

Em sua pequena epístola, Tiago pergunta: «Donde vêm as guerras e contendas entre vós? Porventura não vêm disto, dos vossos deleites, que nos vossos membros guerreiam?» (Tiago 4:1).

O que é verdade a respeito do indivíduo também o é em relação às nações. Estas cobiçam porções de terras de seus vizinhos. Se têm direito, apoderam-se delas; se não têm, fazem o mesmo, designando tal atentado como reajustamento de fronteiras, a que chamam de fronteiras científicas. Em conseqüência disto, vêm as guerras nacionais e internacionais.

No entanto, devemos dar graças a Deus porque, quando o Senhor — o Príncipe da Paz — retornar a este mundo, guiará as nações guerreiras pelo caminho da paz. Determinará geograficamente as fronteiras de Israel em sua própria terra, sem os diversos reajustamentos de fronteiras, em reuniões constantes. A terra de Israel — a terra santa - torna-se-á o centro geográfico de Deus e do mundo, localizando todas as nações em relação a Israel, a fim de facilitar bênçãos para a humanidade. «Assim diz o Senhor Deus: Esta é Jerusalém; coloquei-a no meio das nações, estando os países ao seu redor» (Ez. 5:5). Esta é, pois, a posição geograficamente restaurada de Israel, em relação às nações e ao propósito de Deus, no Reino glorioso do Senhor.

Em relação a Deus, a posição de Israel assim se manifesta: «E a glória do Senhor se alçou desde o meio da cidade, e se pôs sobre o monte que está no oriente da cidade» (Ez. 11:23). Aqui temos a glória partindo do Monte das Oliveiras, o único que está «ao oriente da cidade». E toda esta glória terá o seu centro irradiador no monte Sião, onde estará o trono do Rei Messias — o Senhor Jesus Cristo.

Em Jesus de Nazaré a humanidade encontra sua **unidade**, e a história, o seu **fim**. Nosso Senhor Jesus Cristo é o centro de toda a Palavra de Deus, o

seu tema por excelência. Segundo afirmou nobre pensador cristão, «Ele é aquele que **devia** vir, como na realidade veio, e a história anterior à sua vinda é uma profecia a seu respeito. Em Jesus acha a história o seu complemento. Ele é o cumprimento da profecia de Israel e bem assim de todos os povos» para ser o único Salvador de todos quantos o aceitarem. É neste fato solene que se evidencia o **caráter universalista** do Filho de Deus, feito Filho do homem. E aqueles que ligarem sua fé nele encontram a salvação. Foi por isso que ele veio a este mundo, e, através de quase dois mil anos, continua interessado no futuro da humanidade, na sua salvação.

SUA SEGUNDA VINDA EM MAJESTADE E GLÓRIA

No atual período da humanidade, Deus está tratando com três grupos distintos de seres humanos: os judeus, os gentios e a Igreja. O apóstolo Paulo nos exorta nestes termos: «Não vos torneis causa de tropeço nem a judeus, nem a gregos, nem à igreja de Deus» (I Cor. 10:32).

Judeus, na acepção de Paulo, refere-se a todos os filhos de Israel. Todo judeu é israelense, mas nem todo israelense é judeu. O Senhor Jesus está tanto interessado no destino do seu povo Israel, como no de sua Igreja. Pacientemente, vem sofrendo afrontas da parte dos gentios até que os tempos dos gentios se completem, para que o mundo entre em nova fase.

Só nesse tempo, quando o grande Rei Jesus surgir em majestade e glória, na companhia dos seus santos, então teremos um mundo renovado —

o paraíso perdido restaurado no monte Sião.

O mundo começará nova fase, quando haverá paz e segurança, justiça e retidão, perfeita harmonia entre todos os povos, sob a direção do Príncipe da Paz — o Messias Jesus. Isto se verificará no seu Reino Milenário. Sentado estará ele no trono restaurado de Davi em Sião — a cidade de Davi. Terminados os mil anos do reinado do Senhor, Satanás será solto por um pouco de tempo e conseguirá reunir formidável exército, por entre as nações da terra, para dar o seu último golpe contra o Senhor e os seus santos. «E sairá a enganar as nações que estão nos quatro cantos da terra, Gogue e Magogue, cujo número é como a areia do mar, a fim de ajuntá-las para a batalha. E subiram sobre a largura da terra, e cercaram o arraial dos santos e a cidade querida; mas desceu fogo do céu, e os devorou; e o Diabo, que os enganava, foi lançado no lago de fogo e enxofre, onde estão a besta e o falso profeta; e de dia e de noite serão atormentados pelos séculos dos séculos» (Apoc. 20:8-10). O apóstolo João viu as causas como já acontecidas, mas ainda não aconteceram.

Virá, em seguida, o julgamento final. O Senhor Jesus sentar-se-a sobre o trono branco, e todos os ímpios, de todos os tempos, ressurgirão, para a vergonha e nojo eternos, no dizer de Daniel.

OS NOVOS CÉUS E A NOVA TERRA

O apóstolo João descreve-nos as maravilhas e a suntuosidade do novo céu e da nova terra, e contempla Jerusalém — a cidade santa — «que descia do céu, e tinha a glória de Deus; e a sua luz era

semelhante a uma pedra preciosíssima, como a pedra de Jaspe, como o cristal resplandecente» (Apoc. 21:9-11).

Segundo um autor cristão, «o novo céu não deve ser confundido com o céu dos céus, lugar da habitação de Deus, o qual, sendo perfeito, não está sujeito a qualquer mudança. Há três cidades de Jerusalém: a celestial (Heb. 12:22); a terrestre (Apoc. 11:2) e a mística (Apoc. 11:2,10). A Igreja é também designada por «Nova Jerusalém», mas diferente da «Jerusalém Celestial», da qual fazem parte todos os santos das várias dispensações.

É realmente confortador e mesmo fascinante o só pensarmos em nosso eterno destino, nossa futura habitação, entre os santos em luz lá no céu! Que estejamos todos preparados, pois o Céu está preparado para um povo preparado para o Céu.

Já estás preparado, leitor? Aceita o Senhor Jesus Cristo como o teu único Salvador e Senhor, pois só assim terás ingresso no Céu. Faze isto agora mesmo, pois amanhã poderá ser tarde demais. «Eis aqui agora o tempo aceitável, eis aqui agora o dia da salvação» (II Cor. 6:2).